

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

MARIA LUISA DI MARCO FRANZOTTI

*COMMODITIES* E PODER GLOBAL: UMA ANÁLISE SOBRE A ATUAÇÃO DA COFCO  
COMO REFLEXO DA ESTRATÉGIA CHINESA NO MERCADO INTERNACIONAL

UBERLÂNDIA

2025

MARIA LUISA DI MARCO FRANZOTTI

*COMMODITIES* E PODER GLOBAL: Uma análise sobre a atuação da COFCO como reflexo da estratégia chinesa no mercado internacional

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais

Orientador: Prof. Dr. Germano Mendes De Paula

UBERLÂNDIA

2025

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU  
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

F837 2025	<p>Franzotti, Maria Luisa Di Marco, 2002- Commodities e poder global [recurso eletrônico] : Uma análise sobre a atuação da COFCO como reflexo da estratégia chinesa no mercado internacional / Maria Luisa Di Marco Franzotti. - 2025.</p> <p>Orientador: Germano Mendes De Paula. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em Relações Internacionais. Modo de acesso: Internet. Inclui bibliografia. Inclui ilustrações.</p> <p>1. Relações Internacionais. I. Paula, Germano Mendes De, 1966-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em Relações Internacionais. III. Título.</p> <p>CDU: 327</p>
--------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:  
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091  
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

MARIA LUISA DI MARCO FRANZOTTI

*COMMODITIES* E PODER GLOBAL: Uma análise sobre a atuação da COFCO como reflexo da estratégia chinesa no mercado internacional

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Uberlândia, 12 de setembro de 2025

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Germano Mendes De Paula (IERI/UFU)

---

Prof. Dr. Bruno Benzaquen Perosa (IERI/UFU)

---

Prof. Me. Erwin Pádua Xavier (IERI/UFU)

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, meus eternos agradecimentos aos meus pais, Amauri e Silvana, pelo apoio incondicional que sempre foram em minha vida. Sou imensamente grata por toda a dedicação e esforço para me proporcionarem uma educação de qualidade, por cada conselho, cada lição e pelo conforto nos momentos mais difíceis. Só nós sabemos quão turbulento foi o caminho até aqui, e cheguei até o final graças à sua perseverança diante de todas as intempéries da vida.

À minha irmã, Marianna, minha gratidão por ter me aconselhado ainda no ensino médio a seguir Relações Internacionais – e hoje posso afirmar, sem dúvida, que você estava certíssima. Muito obrigada por ser meu pilar tanto nos piores quanto nos melhores momentos; mesmo a oito mil quilômetros de distância, você soube me transmitir a segurança de que eu precisava para enfrentar minhas incertezas. Maah você é sem dúvidas a melhor irmã do mundo.

À minha família como um todo, que me acompanhou por toda esta trajetória, direciono meu profundo agradecimento. Em especial, meus avós Antônio, Alayde, Domenico e Nina. Não há um dia em que sua memória não se faça presente, e que eu não me sinta abençoada por terem pavimentado a minha base. Também agradeço imensamente ao auxílio e o carinho de meus tios, tias, primos e primas, que são parte fundamental da minha história e da minha conquista. Se cheguei até aqui também foi devido ao apoio e contribuição de vocês.

Ao meu grande amigo João Victor, que caminha ao meu lado há tantos anos, meu muito obrigada. Desde o ensino médio, você foi uma luz que me impediu de me perder no caminho, sempre com um sorriso para alegrar meu dia e um ombro amigo quando precisei. Joni, sou diariamente grata por ter você em minha vida.

A universidade me presenteou com momentos inesquecíveis e, sobretudo, com amizades verdadeiras que me mostraram minha própria resiliência e me fizeram enxergar as pequenas alegrias da vida adulta na rotina. Meu agradecimento especial aos amigos Beatriz Ribeiro, Bárbara, Felipe, Gabriela, Giulia e Luisa, com quem compartilhei o peso das responsabilidades, as angústias e as felicidades ao longo desses três anos e meio.

À equipe da Céleres, minha gratidão por ter me recebido em um ambiente profissional tão saudável e propício ao meu desenvolvimento. Destaco aqui Anderson, Enilson, Erickson e Cárita, pela oportunidade e pelos valiosos ensinamentos. Sem o contato com o agronegócio proporcionada por vocês, este trabalho não existiria.

Ao Professor Germano Mendes De Paula, agradeço profundamente pela orientação precisa, pela disponibilidade e pelas críticas construtivas, que tanto enriqueceram esta pesquisa. Sua expertise e dedicação foram indispensáveis para a realização deste projeto.

Por fim, agradeço a Universidade Federal de Uberlândia e o Instituto de Economia e Relações Internacionais por ter me proporcionado esta graduação. Também agradeço a estrutura em que pude transitar ao longo desses anos, e pelas extensões que acrescentaram muito ao meu aprendizado e carreira.

## RESUMO

Nas últimas duas décadas, a China emergiu como uma potência econômica global, impulsionada por uma estratégia estatal desenvolvimentista e políticas voltadas à segurança alimentar. Esta pesquisa analisa o papel da empresa estatal COFCO no mercado global de *commodities*, com foco específico em sua entrada no agronegócio brasileiro, maior produtor e exportador mundial de soja. O estudo investiga como a China utiliza o capitalismo de Estado por meio da COFCO para expandir sua influência e controle sobre os fluxos internacionais de *commodities* agrícolas, replicando o modelo integrado adotado pelas grandes *tradings* ocidentais (ADM, Bunge, Cargill e Louis Dreyfus). A pesquisa, de natureza qualitativa, utiliza o método de estudo de caso, combinando análises teóricas e empíricas a partir de dados oficiais, relatórios e literatura especializada. Os resultados sugerem que as aquisições de empresas consolidadas, como a Noble Agri e a Nidera, junto a investimentos significativos em infraestrutura logística e à construção de relações diretas com produtores locais, fortalecem o poder de barganha chinês no mercado global e consolidam os objetivos de segurança alimentar nacionais. A natureza híbrida da COFCO — que equilibra interesses estatais e lógicas de mercado — exemplifica a estratégia mais ampla da política chinesa “Going Global”, evidenciando o papel das empresas estatais como instrumentos de poder econômico e geopolítico no regime alimentar do século XXI. Também são discutidos os desafios enfrentados pela COFCO para sua adaptação ao mercado brasileiro e as implicações da sua presença para a concorrência e ordenamento comercial global.

**Palavras-chave:** China; COFCO; empresas estatais; mercado global de *commodities*; segurança alimentar; agronegócio; Brasil; comércio internacional; soja; estratégia geopolítica.

## ABSTRACT

In the last two decades, China has emerged as a major global economic power, driven by State-led development and strategic policies aimed at food security. This study analyzes the role of the state-owned enterprise COFCO in the global commodity market, focusing on its entry into the Brazilian agribusiness sector, the world's largest soybean producer and exporter. The research investigates how China employs State capitalism tools through COFCO to expand its influence and control over international agricultural commodity flows, replicating the integrated business model of Western trading companies (ADM, Bunge, Cargill, and Louis Dreyfus). The study employs a qualitative case study methodology, combining theoretical and empirical analysis from official data, reports, and literature. Results suggest that COFCO's acquisition of established companies such as Noble Agri and Nidera in Brazil, coupled with significant investments in logistics and direct relationships with local producers, enhances China's bargaining power in global commodity markets and reinforces national food security objectives. The hybrid nature of COFCO — balancing State interests and market logics — exemplifies the broader strategy of China's "Going Global" policy, illustrating how state-owned enterprises act as instruments of geopolitical and economic power in the 21st-century food regime. The research also discusses challenges faced by COFCO in adapting to the Brazilian market and the implications of its presence for competition and the global agricultural trade order.

**Keywords:** China; COFCO; State-owned enterprises; global commodity market; food security; agribusiness; Brazil; international trade; soybean; geopolitical strategy.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Histórico sobre a quantidade de contratos futuros de soja negociados por tipo de negociador (1998-2023)   Em milhões de contratos .....	17
Figura 2 – Relação entre crescimento populacional e consumo alimentar (1960-2023).....	19
Figura 3 – Relação entre o crescimento anual das variáveis de consumo alimentar e tamanho da população mundial.....	19
Figura 4 – Histórico da quantidade de população urbana e rural na China (1980-2022)   Em bilhão de pessoas .....	26
Figura 5 – Produtividade de grãos em lavouras chinesas (1960-2023)   Em toneladas por hectare .....	27
Figura 6 – Histórico de crescimento econômico da China (1994-2024).....	29
Figura 7 – Importação chinesa de insumos agrícolas (2004-2024)  Em bilhões de dólares.....	33
Figura 8 – Histórico de consumo de carne na China (2000-2024)   Em Milhões de toneladas	39
Figura 9 – Histórico sobre a importação chinesa de soja (2000-2024)   Em milhões de toneladas .....	40
Figura 10 – Histórico da produtividade brasileira de soja (1993-2023)   Em toneladas por hectare.....	47
Figura 11 – Histórico da produção brasileira de soja (1993-2023)   Em milhão de toneladas.	47
Figura 12 – Histórico de valores disponibilizados para o Plano Safra pelo Governo Federal Brasileiro (2003-2025)   Em bilhões de reais .....	48
Figura 13 – Participação da produção brasileira agrícola no mercado internacional.....	48
Figura 14 – Históricos de importações chinesas de produtos agrícolas (2000-2023)   Em milhões de toneladas .....	50
Figura 15 – Histórico do lucro bruto da COFCO Brasil (2015-2023)   Em milhões de reais ..	52
Figura 16 – Índice de preços de fertilizantes (2010-2024)   2010: Base 100 .....	53

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABCD	Archer Daniels Mills, Bunge, Cargill e Louis Dreyfus
ADM	Archer Daniels Mills
CEPEA	Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - Esalq/USP
COFCO	China Oil and Foodstuffs Corporation
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
EE	Empresa Estatal
EUA	Estados Unidos da América
FAO	Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura
GACC	Administração Geral das Alfândegas da República Popular da China
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPC	Índice de Preços ao Consumidor
IPCA	Índice de Preços ao Consumidor Amplo
MDIC	Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços
NBS	Escritório Nacional de Estatísticas da China
NDRC	Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma
OMC	Organização Mundial do Comércio
ONU	Organização das Nações Unidas
PCC	Partido Comunista Chinês
PIB	Produto Interno Bruto
RMB	Yuan Chinês
SRF	Sistema de Responsabilidade Familiar
UNCTAD	Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento
USDA	Departamento de Agricultura dos Estados Unidos

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1 O COMÉRCIO INTERNACIONAL DE <i>COMMODITIES</i> AGRÍCOLAS NO SÉCULO XXI E AS <i>TRADING COMPANIES</i> .....</b>	<b>15</b>
1.1 Transformações no Comércio Internacional (pós-2000) .....	15
1.2 As ABCD <i>Traders</i> : Hegemonia e Modelo de Negócios .....	18
1.3 Novos Competidores e a Reconfiguração do Mercado .....	22
<b>2 DESENVOLVIMENTO DA AGRICULTURA E INDÚSTRIA RURAL CHINESA .....</b>	<b>24</b>
2.1 Crescimento Econômico e Reformas Agrícolas .....	24
2.2 Modernização e Expansão da Indústria Rural .....	30
<b>3 ESTRATÉGIAS CHINESAS PARA INSERÇÃO NO MERCADO MUNDIAL DE <i>COMMODITIES</i> .....</b>	<b>35</b>
3.1 Empresas Estatais e sua Relação com o Governo .....	35
3.2 Segurança e Soberania Alimentar como Vetor Estratégico .....	37
<b>4 ESTUDO DE CASO – ENTRADA DA COFCO NO BRASIL .....</b>	<b>43</b>
4.1 A COFCO: Perfil e Estratégia Global .....	43
4.2 A Entrada da COFCO no Brasil .....	46
4.3 Impactos e Desafios .....	54
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>57</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>60</b>

## INTRODUÇÃO

Nas últimas duas décadas, a economia chinesa protagonizou um crescimento econômico considerável, elevando seu Produto Interno Bruto (PIB) de US\$ 2 trilhões em 2004 para US\$ 18,7 trilhões<sup>1</sup> em 2024 (World Bank, 2024). Esse salto econômico foi coordenado por um Estado forte, caracterizado por uma profunda atuação desenvolvimentista e pelo aumento significativo da qualidade de vida da população. Desde os anos 2000, o país apresentou uma taxa média de crescimento anual de cerca de 13%, resultado de um processo de retirada de aproximadamente 800 milhões de pessoas da extrema pobreza desde 1980 (World Bank; Development Research Center of the State Council, People's Republic of China, 2022). Com isso, o país aumentou sua renda *per capita* e impulsionou sua demanda interna.

Este desenvolvimento está fundamentado em uma estratégia econômica iniciada ao final da década de 1970, que combinou a manutenção da propriedade estatal da terra com a distribuição de seu uso para cooperativas familiares e o estímulo à comercialização do excedente agrícola. Paralelamente, a China promoveu a abertura gradual ao capital internacional por meio da criação de zonas econômicas especiais, ao mesmo tempo que fortaleceu grandes empresas estatais (EEs) em setores estratégicos da economia, incluindo agricultura, indústria pesada, telecomunicações e mídia (Medeiros, 1999).

No contexto dessa transformação econômica e social, ressurge uma preocupação crucial para o Estado chinês: garantir a segurança alimentar para uma população que ultrapassa 1,4 bilhão de habitantes, e a partir desse desafio novas dinâmicas comerciais e diplomáticas passam a conectar Brasil e China. A segurança alimentar, nessa visão, vai além da simples disponibilidade de alimentos, envolvendo o controle estratégico dos fluxos globais das *commodities* agrícolas, especialmente dos grãos.

Em especial, a estruturação de cadeias agroindustriais globais, antes fortemente concentrada nas mãos de *tradings* ocidentais — Archer Daniels Midland (ADM), Bunge, Cargill e Louis Dreyfus Company, o conhecido grupo “ABCD” — foi reconfigurada com a entrada de empresas estatais chinesas como a China Oil and Foodstuffs Corporation (COFCO). Neste cenário de concentração do mercado internacional de grãos, o Brasil se transforma não só como o maior fornecedor de grãos do mundo, mas também como campo estratégico de disputa e cooperação para as novas estratégias de poder econômico global (Murphy; Burch; Clapp, 2012).

---

<sup>1</sup> Valores já deflacionados para o valor atual de dólar (2025).

Diante desse cenário da proeminência das multinacionais ocidentais no mercado agroalimentar de *commodities*, a presente pesquisa busca responder as seguintes questões: de que maneira a China está utilizando suas EEs para influenciar os fluxos do mercado global de grãos a seu favor no século XXI? E como a entrada e a atuação da empresa estatal chinesa COFCO no agronegócio brasileiro refletem e potencializam a estratégia da China de ampliar sua influência e controle sobre o mercado global de *commodities* agrícolas no século XXI? Para responder a elas, parte-se da hipótese de que o país emprega tais companhias, em particular a COFCO, como instrumentos estratégicos para ampliar sua influência e controle sobre o mercado global de *commodities* agrícolas. A emergência da empresa como maior importadora mundial desses produtos fortalece o poder de barganha chinês no comércio internacional, por meio da replicação do modelo integrado das grandes *tradings* ocidentais, que inclui investimentos em infraestrutura logística, aquisições de empresas estrangeiras e expansão geográfica (McCorriston; Mac Laren, 2010). Além disso, sua entrada no Brasil é capaz de potencializar a estratégia chinesa de inserção no mercado agroalimentar mundial, devido à posição brasileira de maior produtor das principais culturas do agronegócio mundial, sendo elas soja, milho e algodão. Sendo assim, tendo maior controle dos fluxos que se originam no país e perspectiva do funcionamento da cadeia de valor brasileira, a China consegue obter maior poder de barganha no mercado internacional.

Dessa forma, o presente trabalho tem por objetivo geral investigar as estratégias geopolíticas e econômicas da China, por meio de suas EEs, com foco na entrada da COFCO no Brasil, visando a compreender seu papel na ampliação da influência chinesa e na reconfiguração do mercado global de *commodities* entre 2000 e 2024. Para tanto, busca-se: 1) identificar e caracterizar a política externa chinesa no mercado de *commodities*, seus interesses geopolíticos e econômicos; 2) analisar o funcionamento do mercado internacional de grãos no século XXI e a influência das *trading companies* nele; 3) descrever a relação entre o governo chinês e suas empresas estatais; e 4) examinar as estratégias adotadas pelo Estado chinês para fomentar o crescimento e atuação internacional da COFCO.

A importância desta pesquisa reside na relevância crescente da China no comércio mundial, especialmente considerando que, em 2024, o país foi responsável por 64,4% das importações globais de soja (USDA, 2025) e figura como a segunda maior economia do mundo (World Bank, 2023). A segurança alimentar chinesa, segundo Gaudreau (2019), não se limita à luta contra a fome, mas constitui um vetor estratégico que integra interesses estatais e corporativos numa lógica de soberania nacional. As transformações que advêm dessa orientação repercutem diretamente nos fluxos comerciais globais, configurando um ambiente

dinâmico e por vezes voláteis. Ademais, dado que o Brasil representa um parceiro comercial chave para a China, sobretudo no setor agrícola, compreender essas estratégias é fundamental para antecipar os impactos econômicos e geopolíticos que se desenham.

A entrada da COFCO no Brasil marcou a emergência de um novo ator estatal no mercado global de grãos, com potenciais efeitos duradouros sobre a dinâmica do comércio internacional de alimentos. Assim, este estudo se apresenta como contribuição necessária para a análise das interações entre um Estado emergente de grande porte e o complexo mercado global de *commodities* agrícolas.

A presente pesquisa é de natureza explicativa e qualitativa, recorrendo principalmente ao método de estudo de caso instrumental para analisar a atuação da COFCO como reflexo da estratégia chinesa no mercado internacional de grãos e sua influência no setor do agronegócio brasileiro. A opção pelo estudo de caso se justifica pelo objetivo de compreender, de forma aprofundada, as estratégias políticas e econômicas da China por meio da atuação concreta da empresa estatal COFCO, com especial destaque para a sua entrada e consolidação no mercado brasileiro, o maior polo mundial de exportação de soja.

O percurso metodológico do trabalho parte do método hipotético-dedutivo: a hipótese central estabelece que a China, ao promover a internacionalização da COFCO, busca replicar o modelo das grandes *tradings* ocidentais (ABCD) para expandir seu controle sobre os fluxos globais de *commodities* agrícolas e fortalecer sua posição estratégica mundial. A partir dessa proposição, foram reunidas e analisadas evidências — teóricas e empíricas — para testar, confirmar ou refinar a hipótese.

Para a análise, foi realizada uma investigação documental e bibliográfica abrangente, utilizando como fontes prioritárias livros, artigos acadêmicos, relatórios institucionais, reportagens jornalísticas e dados estatísticos. Entre os marcos teóricos fundamentais, destacaram-se conceitos como segurança alimentar, capitalismo de Estado, integração vertical no agronegócio e o papel das empresas estatais no desenvolvimento econômico. Baseado nas contribuições de autores como Schneider (2017), Belesky & Lawrence (2019), e Wesz Jr, Escher & Fares (2023).

A coleta de dados sistematizou informações oriundas de órgãos oficiais — como o Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), United States Department of Agriculture (USDA), e General Administration of Customs of China (GACC) — para traçar um panorama preciso do comércio internacional de grãos no recorte temporal de 2000 a 2024. Também foram consultados documentos governamentais e institucionais, especialmente os Planos Quinquenais de

Desenvolvimento da China, a fim de caracterizar as decisões políticas e macroeconômicas que embasam a atuação internacional da COFCO.

O trabalho dedutivo foi complementado por uma análise das estratégias de entrada, consolidação e influência da COFCO no Brasil. Esta etapa envolveu a investigação de aquisições, investimentos logísticos e relações comerciais da companhia com produtores rurais brasileiros, a partir de documentos públicos, relatórios corporativos, materiais de imprensa especializada e literatura científica relevante. Portanto, a metodologia integra análise bibliográfica e documental com o estudo de caso instrumental, proporcionando uma compreensão abrangente dos fatores que orientam a estratégia chinesa para maior controle do mercado de *commodities*.

Por fim, este trabalho está estruturado em quatro capítulos, que se articulam para oferecer uma análise abrangente sobre a atuação da COFCO no mercado internacional de *commodities* e a estratégia chinesa subjacente. Ao longo da Introdução, são apresentados o problema de pesquisa, a justificativa, os objetivos e a hipótese central que orienta o estudo, além da explicação da metodologia, para detalhar o enfoque qualitativo e explicativo adotado, e dos procedimentos metodológicos utilizados para coleta e análise dos dados, com ênfase no estudo de caso da COFCO no Brasil.

Em seguida, o Capítulo 1 – O Comércio Internacional no Século XXI e as *Trading Companies* explora o contexto global do mercado de *commodities*, destacando a concentração por grandes *tradings* ocidentais (ABCD) e a entrada de novos atores no mercado. No Capítulo 2 – Desenvolvimento da Agricultura e Indústria Rural Chinesa, é abordado o processo interno de modernização agrícola da China, suas reformas econômicas e a inserção do país no comércio global agroalimentar.

Logo após, o Capítulo 3 – Estratégias Chinesas para Inserção no Mercado Mundial de *Commodities* discute a relação entre o Estado chinês e suas empresas estatais, com foco na segurança alimentar como vetor estratégico para a expansão internacional. O Capítulo 4 – Estudo de Caso: Entrada da COFCO no Brasil apresenta a trajetória da empresa, sua estratégia de internacionalização no mercado brasileiro, os impactos e os desafios enfrentados no contexto local. Por fim, as Considerações Finais retomam os principais resultados, onde se confirma a hipótese da pesquisa, e propõe recomendações para pesquisas futuras sobre o tema.

## 1 O COMÉRCIO INTERNACIONAL DE *COMMODITIES* AGRÍCOLAS NO SÉCULO XXI E AS *TRADING COMPANIES*

O comércio internacional de *commodities* agrícolas ocupa papel central na dinâmica econômica global do século XXI, refletindo a crescente interdependência entre nações e a necessidade de garantir o abastecimento alimentar diante do aumento populacional e da demanda por grãos. Neste contexto, o mercado internacional de grãos destaca-se não apenas pelo seu volume e relevância estratégica, mas também pelas profundas transformações ocorridas nas últimas décadas, impulsionadas pela globalização e reestruturação das cadeias produtivas.

Este capítulo tem como objetivo analisar a estrutura do mercado internacional de grãos e o papel desempenhado pelas *tradings companies*, especialmente diante das mudanças que redefiniram a geopolítica do setor agroalimentar. Além de explorar a ascensão de grandes multinacionais, conhecidas como ABCD (ADM, Bunge, Cargill e Louis Dreyfus), e como se consolidou um novo modelo de negócios, marcado por concentração de poder, integração vertical e crescente influência dos mercados financeiros nas operações de compra, venda e distribuição das *commodities* agrícolas.

Ao abordar essas questões, busca-se compreender como as *trading companies* se tornaram agentes fundamentais para a manutenção e expansão do comércio global de grãos, influenciando não apenas fluxos comerciais, mas também estratégias produtivas, políticas de preços e, conseqüentemente, a segurança alimentar em escala mundial.

### 1.1 Transformações no Comércio Internacional (pós-2000)

Após o ano 2000, o comércio internacional foi moldado por uma intensificação da globalização e da desregulamentação de mercados, resultando em mudanças significativas nas dinâmicas de poder e nas operações em diversas cadeias de valor, especialmente na agroalimentar e de *commodities*.

O principal aspecto observado durante esse processo foi a mudança nas relações de poder do mercado comparado ao século passado. Essa transformação se tratou do processo de posicionamento das instituições financeiras como atores de destaque no funcionamento do mercado econômico mundial como um todo. Com isso, o que ocorreu foi que a prioridade dos interesses econômicos dos acionistas passou a ser a mais valorizada. Além desses *players*, que muitas vezes se tratam de grandes gestores de fundos e investidores institucionais, a importância também passou a valer para outras figuras do mundo econômico, como bancos, fundos de hedge, consórcios de *private equity* e fundos soberanos (Bursch; Lawrence, 2009).



Seguindo a proposta da presente monografia, é essencial detalhar os efeitos desse novo sistema econômico para o comércio internacional de grãos, para compreender com maior profundidade as mudanças na geopolítica desse sistema de trocas, e dessa forma, avaliar com precisão as estratégias empregadas pela COFCO em sua entrada no mercado internacional agroalimentar. Sendo assim, segundo Bursch e Lawrence (2009), o século XXI se encontra no terceiro regime alimentar. Antes dele, o primeiro regime alimentar se caracterizou durante o século XIX, com a hegemonia britânica e comércio colonial de produtos a granel, como trigo e açúcar, e o mercado era impulsionado pelo modelo de “imperialismo de livre comércio”. No século seguinte, se estabeleceu o segundo regime alimentar, sob a égide da hegemonia estadunidense, e era caracterizado pela agricultura industrial e alimentos manufaturados.

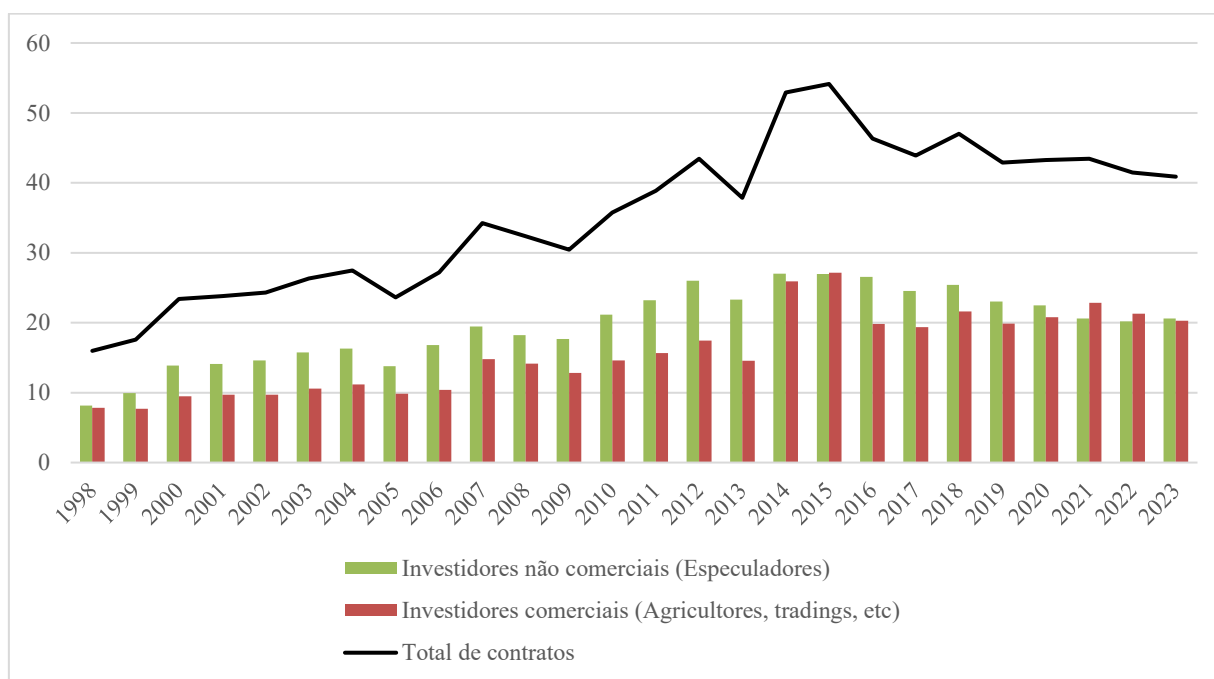
Assim, no século XXI, para os autores, estabeleceu-se uma terceira ordem, caracterizada por um modo de desregulação do mercado, produção flexível e *sourcing* internacional – ou seja, sob um regime de globalização da cadeia de valor alimentar. Entretanto, o pilar para esse sistema está na mudança do padrão de consumo alimentar, exemplificada pela maior abrangência de escolha para o consumidor, ou seja, a conveniência e lucro obtido desse novo modo de se alimentar é fruto da diversidade de escolha, flexibilidade e uma preocupação com saúde, conveniência e outros atributos desejados por uma variedade de consumidores (Bursch; Lawrence, 2009).

Isso posto, o terceiro regime alimentar provocou diversas mudanças na economia mundial, o que se observa é a transformação das empresas agroalimentares, que passaram a competir nos mercados financeiros para oferecer as maiores e mais rápidas taxas de retorno ao "capital impaciente", não apenas nos mercados de produtos. Além disso, os atores financeiros começaram a controlar recursos financeiros por meio de mercados de futuros, alavancagens e derivativos, reorganizando etapas da cadeia agroalimentar e alterando as condições de operação para outros atores (Bursch; Lawrence, 2009).

Os autores afirmam que o terceiro regime alimentar, ou regime alimentar corporativo – em maior efeito após os anos 2000 – emergiu como um vetor do projeto de "desenvolvimento global", caracterizado pela desregulamentação global das relações financeiras – e pela liderança corporativista da agricultura, como empresas assumindo a produção, logística e agroexportações. Sob seus efeitos, a segurança alimentar foi redefinida pela Organização Mundial do Comércio (OMC), de uma estratégia de autossuficiência nacional para uma relação de mercado internacional. Estados membros da OMC foram obrigados a permitir importações de alimentos, expondo seus mercados domésticos a grandes *tradings* de grãos e empresas transnacionais (McMichael, 2005).

Em grande parte, o setor financeiro facilitou a rápida globalização da agroindustrialização por intermédio da fácil mobilidade do capital financeiro, concentrando e centralizando as operações globais de agronegócios. O poder reside no controle de empréstimos, suprimento de materiais, disseminação de novas tecnologias (como produtos transgênicos) e sistemas de armazenamento, transporte, distribuição e vendas no varejo.

Figura 1 – Histórico sobre a quantidade de contratos futuros de soja negociados por tipo de negociador (1998-2023) | Em milhões de contratos



Fonte: CFTC (2025).

A figura 1 permite observar o movimento de crescimento de movimentações financeiras no mercado internacional de *commodities*. Ao longo dos anos, especialmente a partir dos anos 2000, o volume de contratos negociados por especuladores aumentou significativamente, superando ano após ano, os negócios realizados por agentes comerciais. No entanto, no cenário pós-pandemia, observou-se uma mudança nessa relação, logo, a inversão de protagonismo, foi revertida em um cenário de crise na oferta de alimentos. E os atores que se sobressaem nesse momento são os investidores tradicionais como *tradings* e produtores rurais, pois permanecem no mercado no qual estão mais familiarizados.

O que os dados indicam é que, entre 2003 e 2013, houve um aumento de 73% na quantidade de investidores, enquanto de 2013 a 2023, o crescimento foi de 7%. E isso explicita que, devido a esse crescimento observado durante as duas décadas do século XXI, o mercado de soja passou a ser influenciado não apenas por fatores de oferta e demanda física, mas também

por movimentos financeiros globais, como a busca por alternativas de investimento após crises econômicas (UNCTAD, 2009). Como consequência, os preços da *commodity* ficam mais suscetíveis à volatilidade, descolando-se das condições reais do setor agropecuário e transformando a soja em um ativo financeiro, além de um produto agrícola.

Em conclusão, após o ano 2000, o comércio internacional de grãos, passou por uma profunda reconfiguração em virtude da ascensão de um novo regime alimentar corporativo. Esse regime tem sido marcado pela predominância dos interesses do capital financeiro sobre a lógica tradicional de oferta e demanda, o que conferiu centralidade a fundos, bancos, *hedge funds* e grandes investidores institucionais nas decisões estratégicas que moldam o setor agroalimentar.

## 1.2 As ABCD Traders: Hegemonia e Modelo de Negócios

Nesse novo cenário, atores antigos do mercado de *commodities* alcançaram os anos 2000 com faturamento na casa de bilhões de dólares, e abrangendo cerca de 70% do mercado global de grãos (Murphy; Burch; Clapp, 2012), e esses atores são as *tradings* de grãos. Em um período de reorganização das cadeias alimentares, os destaques com maior margem de manobra que surgem são as empresas multinacionais, que possuem capital econômico e de infraestrutura para expandir para diversas nações e aproveitar suas vantagens competitivas de acordo com seus objetivos estratégicos.

Diante das mudanças no comércio internacional nas últimas décadas, os preços do sistema agroalimentar passaram por diversos desequilíbrios, permanecendo em constante instabilidade devido à maior interferência do mercado financeiro nas *commodities*. Isso decorreu da transformação de insumos alimentares em ativos, a partir do momento de sua inserção nas operações de mercado futuro. Dessa forma, a lógica financeira passou a influenciar preços e expectativas, desvinculando as *commodities* agrícolas de sua função primária de abastecimento alimentar (Paula; Santos; Pereira, 2015).

Entretanto, como observado no gráfico 2, tanto a população mundial quanto o consumo alimentar global apresentam crescimento ininterrupto de 1960 a 2023, e o gráfico 3 revela que a relação de crescimento entre as variáveis permaneceu constante de 1:1 durante o período analisado. Ou seja, as variáveis de população e consumo alimentar evoluem em estreita sincronia, indicando que o aumento populacional é o principal motor do crescimento da demanda por alimentos. Isso confirma a resiliência da demanda por alimentos, mesmo durante crises econômicas ou instabilidades de preços mencionadas neste texto.

Figura 2 – Relação entre crescimento populacional e consumo alimentar<sup>2</sup> (1960-2023)

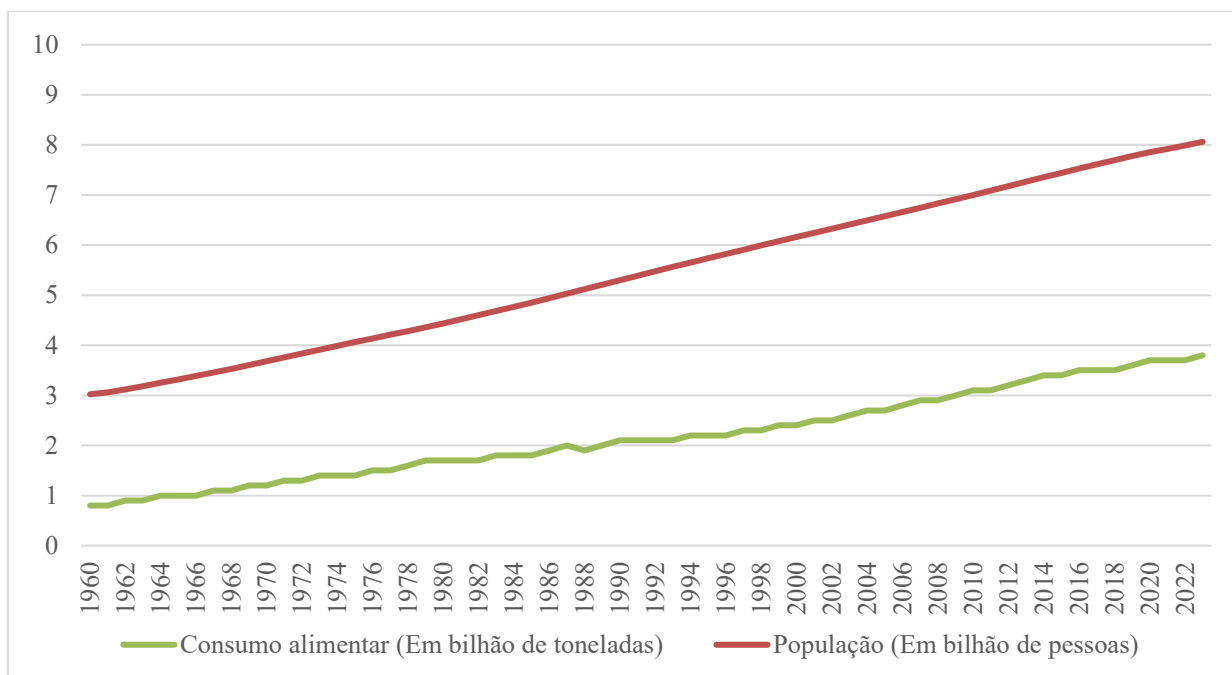
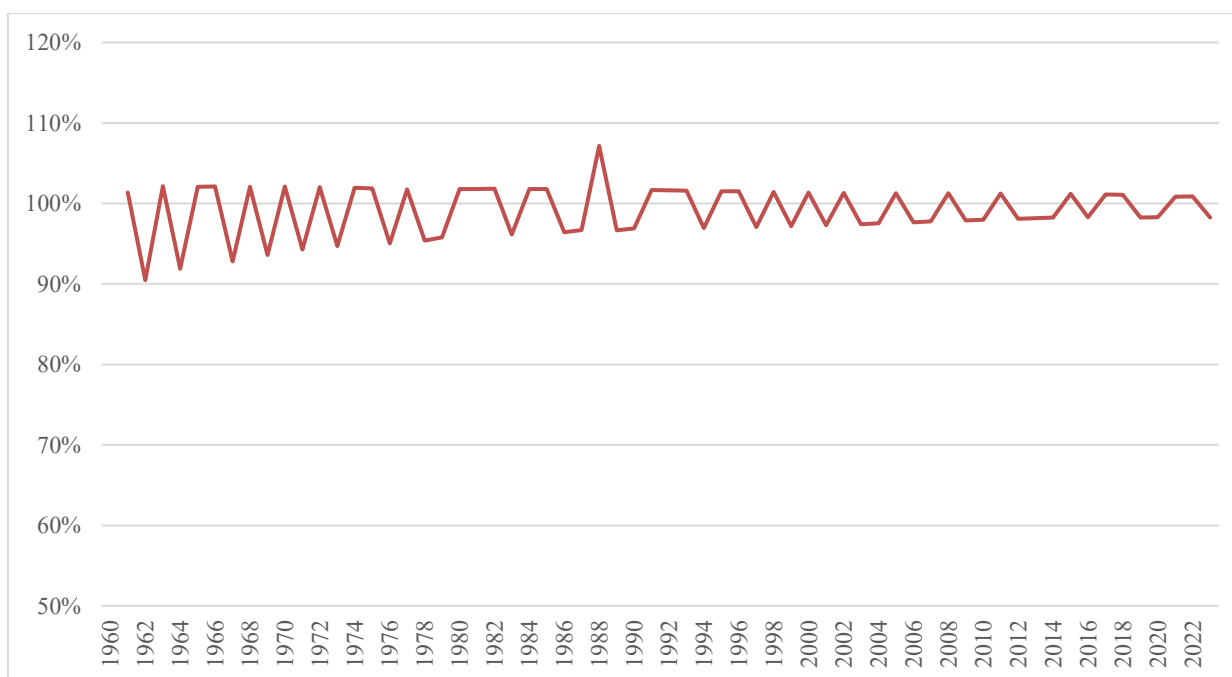


Figura 3 – Relação entre o crescimento anual das variáveis de consumo alimentar e tamanho da população mundial



Fonte: USDA (2025); World Bank, (2023).

<sup>2</sup> Os alimentos para consumo alimentar foram selecionados para abranger a ingestão de grãos e proteínas, sendo esses: cevada, milho, carne bovina, carne de frango, carne suína, milho-miúdo, mistura de grãos, aveia, sementes oleaginosas (copra, sementes de algodão, palmiste, amendoim, colza, soja, girassol), aves, carne, frango de corte, arroz, sorgo e trigo.

Essa "metamorfose" de *commodities* em ativos foi o principal vetor de transformação que fortaleceu as *tradings companies*, foco desta seção. A definição adotada ao longo da monografia é a do Governo Federal do Brasil (2022), que as caracteriza como "empresas comerciais exportadoras constituídas sob a forma de sociedade por ações". Embora esse conceito abranja todas as companhias voltadas para exportação, o escopo metodológico deste trabalho restringe-se às *tradings companies* (TCs) que atuam especificamente com *commodities* agrícolas.

A expansão geográfica dos sistemas agroalimentares, impulsionada por capitais multinacionais e liberalização dos mercados, lançou as bases para uma aproximação entre comércio e sistema financeiro, e para o processo de globalização. A crença na matemática financeira e no *trade-off* favorável entre retorno e risco começou a orientar a política macroeconômica, rejeitando a regulação de um sistema global que uniu mercados como o acionário, cambial e imobiliário em busca de ganhos, contagiando negativamente a economia real (Murphy; Burch; Clapp, 2012). Com isso, as empresas multinacionais passaram a ser atores chave para navegar nesse novo contexto.

As quatro principais *tradings* nomeadas ABCD, são as empresas Archers Daniels Midland (ADM), Bunge, Cargill e Louis-Dreyfus. Seu papel é central no comando dos fluxos agroalimentares do século XXI, e a concentração de poder nesse grupo de empresas não é recente, passando a caracterizar o setor global de cereais como um todo. Elas não apenas negociam *commodities* físicas, mas atuam desde o âmbito da produção na fazenda até a fabricação de alimentos, fornecendo sementes, fertilizantes e agroquímicos, comprando e armazenando produtos agrícolas, operando como proprietárias de terras, produtoras de gado e aves, processadoras de alimentos, fornecedoras de transporte, produtoras de biocombustíveis e provedoras de serviços financeiros nos mercados de *commodities* (Clapp, 2015).

Remontando ao histórico dessas companhias, observa-se uma mesma origem: negócios privados pequenos, de propriedade familiar, que atuavam como comerciantes de grãos com especialidades geográficas específicas, e que ao longo do século XX cresceram, chegando ao século XXI como gestoras de cadeias de valor intersetoriais em escala global (Murphy; Burch; Clapp, 2012). A Cargill exemplifica esse padrão, iniciando sua história em 1865 no sul dos Estados Unidos e adquirindo diversas empresas, além de estender suas operações para países na Europa e América do Sul durante a década de 1990, alcançando os anos 2000 com um portfólio amplo e dividido em várias subsidiárias (Cargill, 2024b). Hoje, a companhia é a maior entre as observadas nessa pesquisa, com um faturamento de US\$ 160 bilhões em 2024, e 160 mil empregados (Cargill, 2024a).

Em contrapartida, a Bunge, a mais antiga dentre elas, fundada em 1818 em Amsterdã, procurou iniciar sua expansão na América do Sul. No início dos anos 1900, abriu filiais na Argentina e Brasil, para aproveitar a vasta oferta de terras e diferentes épocas de cultivo. Mudou sua matriz para São Paulo, permanecendo lá por um século até migrar para os EUA em 2002. Já no século XXI, a companhia possui diversas filiais na China, América do Sul, Estados Unidos e Europa – abrangendo assim os maiores polos de oferta e demanda do setor agroalimentar mundial. Em 2024, a empresa é a maior comerciante de grãos da América do Sul (Bunge, 2025). Isso demonstra que as *tradings* perceberam cedo que, para atuar no mercado de grãos, não bastava restringir-se a uma só região geográfica, mesmo que essa estratégia fosse incomum no começo do século XX.

A Louis Dreyfus Company, similarmente à Bunge, foi constituída na Europa, mais especificamente na França em 1851. Por esse motivo, suas primeiras expansões concentraram-se nesse continente, mas, como sua concorrente, logo avançaram pelo oceano e firmaram-se na América do Sul, com foco maior na Argentina. Nos anos 2000, já alcançavam os mesmos países onde suas rivais atuavam, com enorme infraestrutura e uma cadeia de produção estabelecida em diversas nações (Louis Dreyfus Company, 2025).

Por fim, a Archer Daniels Midland, ou ADM, foi criada em 1902 em Mineápolis, EUA, e passou pelo mesmo processo de multinacionalização que as outras *tradings*, alcançando todas as etapas do setor produtivo agropecuário, dando ênfase em fusões e aquisições locais para dominar mercados já existentes. Atualmente, está em mais de 75 países e é a terceira maior processadora mundial de oleaginosas, milho, trigo e cacau (Archers Daniels Midland, 2025).

A atuação das *tradings* tem implicações importantes para a subsistência dos agricultores, a segurança alimentar e o meio ambiente. Elas são atores decisivos na reestruturação global dos complexos de alimentos, ração e combustíveis que está em andamento. Com isso em vista, para a confirmação da hipótese que norteia este trabalho – sugerindo que a COFCO replica as estratégias das maiores *tradings* do mercado para se entrar e atuar no mercado de *commodities* – é essencial explicitar os métodos utilizados pelas TCs analisadas anteriormente. Desse modo, os ABCD utilizam diversos modelos de negócios para vigorar sua maior concentração de poder no setor agroalimentar. A concentração do mercado de grãos é um posicionamento estratégico por si só, visto que com esse poder de mercado as companhias conseguem impor maiores barreiras à entrada e obter margens benéficas para si próprias com a fixação de preços de compra. Com isso, a dominação de mercados domésticos de nações produtoras e importadoras se torna mais viável (Clapp, 2015).

Além desse movimento, como mencionado anteriormente, as *tradings* passaram a ser gestoras de cadeias de valor agrícolas inteiras, desde a originação de sementes até o transporte logístico por meio de navios graneleiros. Não apenas isso, mas intensificaram sua integração vertical, conquistando diversos setores do negócio por meio de fusões e aquisições, como indústria de esmagamento de soja e milho, indústrias de ração animal, além de produzirem insumos agrícolas como fertilizantes e sementes (Clapp, 2015).

Com as transformações observadas anteriormente no mercado internacional pós-anos 2000, as ABCD passaram a sintonizar com essa mudança na economia agroalimentar e se envolver mais profundamente em atividades de investimento financeiro, operando cada vez mais como bancos. De maneira que elas, assim como os outros atores comerciais, passaram a usar mercados futuros e outros instrumentos financeiros, como fundos de *hedge* e derivativos, para gerenciar riscos e aumentar seus retornos (Clapp, 2015).

Além disso, para navegar com segurança nesse novo tipo de economia, passou a ser crucial para essas empresas a coleta de informações, com isso, a obtenção dos dados mais recentes sobre as condições de mercado e produção se tornou prioridade, para realizar atividades que antes consideravam muito arriscadas. Como exemplo, as empresas coletam seus próprios dados, como o serviço de *software* de "plantio prescritivo" da Cargill que coleta e analisa informações sobre as fases do plantio. Isso lhes confere mais uma vantagem competitiva no mercado no qual atuam, com o privilégio de possuir dados antes de que qualquer outro *player* (Clapp, 2015).

Em síntese, esta seção discute como as ABCD consolidaram sua forte posição no mercado por meio de um modelo de negócios único, caracterizado pela integração vertical extrema, diversificação intersetorial, sofisticada gestão financeira e logística global, e controle estratégico de informações. Sua posição dominante e suas estratégias multifacetadas lhes colocam como atores decisivos na configuração do sistema agroalimentar global contemporâneo, com amplas implicações socioeconômicas e geopolíticas. Este panorama é fundamental para compreender o contexto no qual a COFCO emergiu e busca replicar estratégias para alcançar posição similar, hipótese central a ser explorada nas próximas seções deste trabalho.

### **1.3 Novos Competidores e a Reconfiguração do Mercado**

A partir da compreensão do funcionamento do mercado agroalimentar mundial e da identificação dos principais atores que o dominam, é importante destacar que, desde os anos 2000, profundas transformações passaram a ocorrer nessa economia. E uma delas foi a entrada

de novos atores capazes de desafiar as empresas centenárias do ABCD. Esse fator é crucial para a análise proposta neste trabalho, pois, destacam-se, nesse contexto, a estatal chinesa COFCO, além das empresas Wilmar International e Olam, ambas sediadas em Singapura (Paula; Santos; Pereira, 2015).

Esse redirecionamento no mercado está diretamente relacionado à crescente relevância dos fluxos comerciais Sul-Sul, em detrimento dos tradicionais fluxos Norte-Sul que antes predominavam no setor de *commodities* agrícolas. Entre 2009 e 2013, o comércio agrícola entre países do Sul global registrou um crescimento de 80%, enquanto o intercâmbio entre Norte e Sul aumentou 66% no mesmo período (Belesky; Lawrence, 2019). Para o caso da COFCO, se destaca a influência da estratégia chinesa “*Going Global*” que será discutida com maior profundidade nas seções seguintes, reservada a uma análise específica para o país.

Dessa forma, observa-se que o mercado agroalimentar mundial passou, ao longo das últimas décadas, por uma profunda reestruturação impulsionada pela globalização e a transformação de *commodities* em ativos. Além disso, após um processo gradual ao longo do século XX, as cadeias globais de valor envolvendo produtos agroalimentares passaram a ser dominadas por *tradings* de grãos, também recebendo novos atores estatais e privados oriundos de economias emergentes em meados de 2010. Entre esses novos protagonistas, destaca-se a China, que, por meio da estatal COFCO, vem articulando um projeto ambicioso de inserção e consolidação no mercado global de *commodities* – e a partir desse cenário foi selecionada para ser o objeto de estudo da presente pesquisa.

Entretanto, longe de ser um movimento isolado, essa estratégica entrada no mercado faz parte de uma reconfiguração mais ampla da ordem econômica internacional, marcada pela ascensão do Sul Global e pela transição de um sistema unipolar para uma ordem multipolar. Isso posto, a próxima seção se debruça em uma análise sobre as estratégias adotadas pela China para garantir não apenas sua segurança alimentar, mas também sua influência sobre as dinâmicas estruturais do comércio agroalimentar mundial.



## 2 DESENVOLVIMENTO DA AGRICULTURA E INDÚSTRIA RURAL CHINESA

Nas últimas quatro décadas, o lugar da China no cenário global passou por uma transformação profunda, especialmente a partir da reorientação de sua economia iniciada em 1979. Lidando com o desafio de alimentar a segunda maior população do mundo e impulsionar seu desenvolvimento econômico, o país implementou reformas estruturais que não apenas modernizaram sua agricultura e indústria rural de processamento de grãos, mas também redefiniram sua inserção no mercado internacional de *commodities*. Essas transformações tornaram-se essenciais para compreender tanto o vigor econômico alcançado pela China quanto seu impacto na dinâmica global de alimentos.

Este capítulo tem por objetivo analisar o desenvolvimento da agricultura e da indústria rural chinesa, abordando as estratégias do Estado para modernizar o setor, garantir a segurança alimentar e promover a inserção da China no mercado mundial de *commodities*. Em um primeiro momento, será explorada a dinâmica de funcionamento econômico da China, para alcançar o objetivo de pesquisa de identificar e caracterizar a política externa chinesa no mercado de *commodities*, seus interesses geopolíticos e econômicos, bem como as estratégias adotadas para alcançar esses objetivos. Em seguida, será detalhado o contexto histórico e econômico das reformas agrárias, destacando o papel central do Partido Comunista Chinês (PCC) na condução das mudanças.

### 2.1 Crescimento Econômico e Reformas Agrícolas

A China do século XXI é resultado das mudanças realizadas no país a partir de 1979. Essas transformações, lideradas pelo PCC sob Deng Xiaoping, foram as bases para a superação da estagnação econômica do país, modernizaram a China e a transformaram na segunda maior economia do mundo em 2023 (World Bank, 2025a). Autores como McNally (2012) relacionam o crescimento do país à sua reemergência no cenário internacional, remontando aos grandes fluxos da Rota da Seda durante a Idade Média.

A China tentou, efetivamente, encontrar um equilíbrio entre o crescimento econômico e a estabilidade política, e entre uma economia voltada para o mercado e um Estado autoritário, para sustentar o contínuo crescimento econômico em seus esforços de modernização (Suisheng, 2023, p. 30).

Antes dessas reformas, o país enfrentava atraso em diversos setores, especialmente na agricultura, sendo consequência direta da política do “Grande Salto Adiante” (1958-1961). Essa diretriz teve como principais objetivos acelerar a produção rural do país, para isso as propriedades privadas de terra foram abolidas, e foi instaurada cotas fixas do envio dos excedentes de produção dos camponeses ao Estado, mesmo em períodos de seca e baixa

produtividade. As comunas populares agregavam cerca de duas mil famílias, e para centralizar as atividades rurais, como indústria, agricultura, comércio e educação (Chang-Sheng, 2004).

Contudo, devido à falta de planejamento, resistência dos camponeses e erros políticos, o programa se tornou um grande salto para trás. Visto que, a coletivização acelerada e a abolição da propriedade privada prejudicaram os interesses e tiraram os incentivos dos camponeses, resultando em perdas de gado, com cerca de 60% das cooperativas sofrendo com o abatimento ou abandono de animais. A consequência mais devastadora foi a Grande Fome, que ceifou cerca de 20 milhões de vidas entre 1959 e 1962 (Chang-Sheng, 2004).

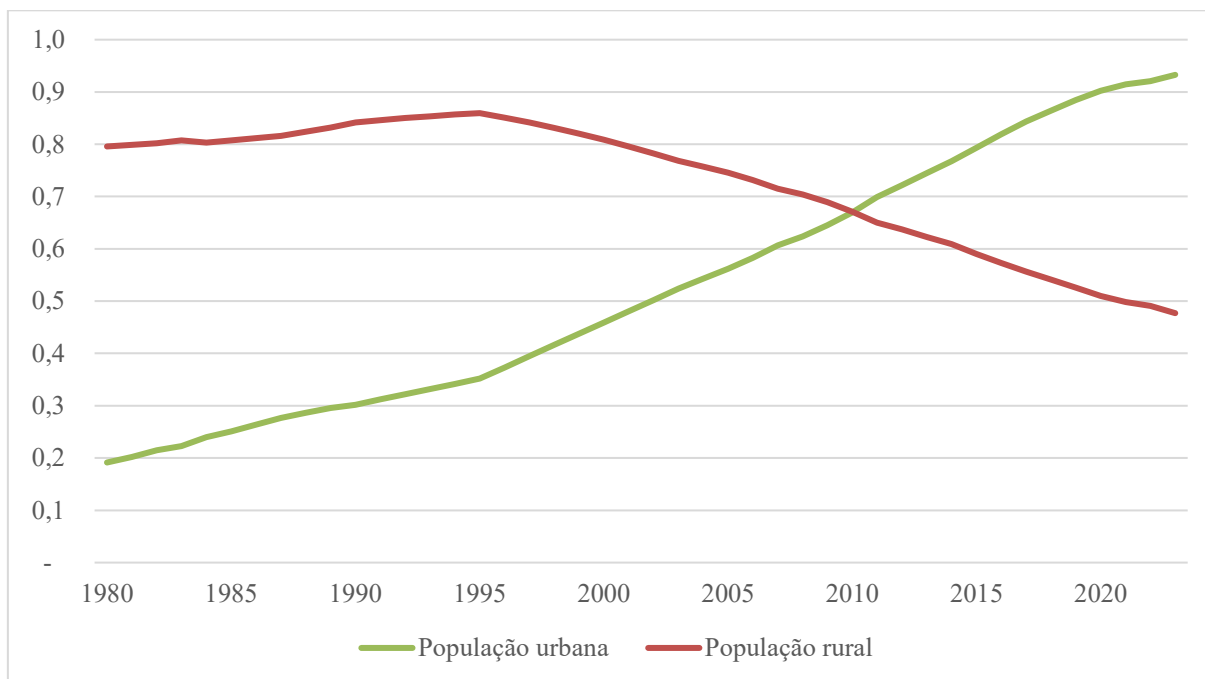
Em função desse resultado, as estratégias utilizadas pelo país durante o período posterior ao “Grande Salto Adiante” sob a liderança de Deng Xiaoping, se destacaram pelo desmantelamento da agricultura coletiva. Isso incluiu a introdução do Sistema de Responsabilidade Familiar (SRF), que estabeleceu contratos de prazo fixo para o uso da terra entre as famílias camponesas e as aldeias (antigas comunas de produção), com cotas mínimas flexíveis de entrega de grãos às estações de compra estatais (Suisheng, 2023).

Além disso, atividades de produção coletiva não agrícolas foram agrupadas em uma nova e expandida categoria de empresas rurais (*xiangzhen qiye*). Essas firmas, criadas a partir das antigas comunas e brigadas de trabalho, tiveram um crescimento explosivo e foram decisivas na estratégia chinesa, expandindo o consumo rural de bens industriais e viabilizando a articulação entre agricultura e indústria.

No âmbito da segurança alimentar, o governo chinês passou a fazer uma distinção clara entre a proteção de culturas estratégicas para a segurança alimentar, como arroz, trigo e milho, e a liberalização da soja para apoiar a pecuária (Sharma, 2014). A rápida industrialização do país elevou a demanda por novas moradias e a expansão de empresas rurais e infraestrutura. Com isso, esse processo levou à perda de grandes extensões de terras agrícolas, especialmente as mais férteis (Suisheng, 2023).

Ademais, um êxodo massivo do campo para os centros urbanos começou na década de 1990 (Medeiros, 1999). O gráfico 4 ilustra a transição demográfica significativa ocorrida na China entre 1980 e 2022, período crítico para o desenvolvimento econômico e social do país. Observa-se um crescimento acelerado da população urbana, que passou de aproximadamente 0,2 bilhão em 1980 para cerca de 0,9 bilhão em 2022, simbolizando um aumento de 381%, e superando a população rural por volta de 2010. Ao mesmo tempo, a população rural diminuiu de quase 0,8 bilhão em 1980 para cerca de 0,5 bilhão em 2022, tendo uma queda de 38%. Portanto, o gráfico reforça a ideia da transformação do cenário urbano e rural do país.

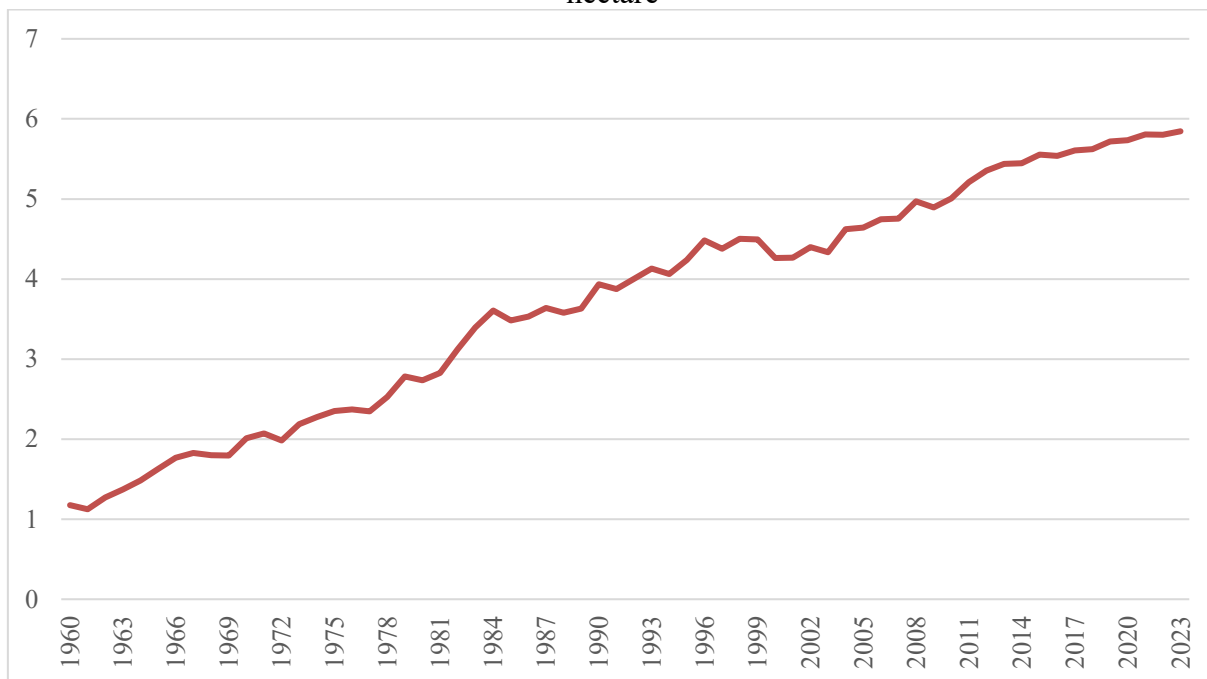
Figura 4 – Histórico da quantidade de população urbana e rural na China (1980-2022) | Em bilhão de pessoas



Fonte: National Bureau of Statistics of China, 2025

Embora os trabalhadores mais jovens e capazes migrassem para empregos não agrícolas, e houvesse acontecido a perda de áreas férteis para zonas industriais, os efeitos para a produção agrícola não foram negativos. Visto que, o aumento da produtividade agrícola por hectare compensou a perda de mão de obra, de modo que o efeito sobre a produção agrícola total foi insignificante, como observado no gráfico 5. A partir de 1979, após o início das reformas agrícolas, entre 1979 e 1989, houve um aumento de 30% na produtividade de grãos no país. Em seguida, com o êxodo rural observado no gráfico 4, entre 1997 e 2007 houve um crescimento de aproximadamente 9% na produtividade das lavouras do país.

Figura 5 – Produtividade de grãos em lavouras chinesas (1960-2023) | Em toneladas por hectare



Fonte: National Bureau of Statistics of China, 2025

O motivo pelo qual a produtividade agrícola não foi significativamente comprometida foi resultado da modernização do campo, com isso, as pequenas parcelas de terra exigiam menos habilidades e força. A diversificação da renda familiar, com ganhos fora da agricultura, permitiu que os agricultores suplementassem os baixos retornos da lavoura ou contratassem ajuda para cumprir as cotas de grãos, garantindo a segurança alimentar (Christiansen, 2023).

Segundo dados do Banco Mundial, a incidência da pobreza caiu fortemente entre 1978 e 1985. Um aspecto central foi a expansão da agricultura e da indústria rural, resultando num crescimento de 9,6% a.a. da renda *per capita* dos residentes rurais entre 1980 e 1988 contra 6,3% a.a. dos residentes urbanos (Medeiros, 1999, p. 502).

Do ponto de vista técnico, a produção de grãos demonstrou notável resiliência, com os rendimentos por hectare aumentando significativamente. Isso foi impulsionado por um maior acesso aos insumos técnicos como fertilizantes químicos, pesticidas, sementes melhoradas e métodos de produção mais eficientes (Christiansen, 2023). O governo implementou nesse mesmo período o Plano de Desenvolvimento Agrícola Integral, dedicando 471 bilhões de yuan<sup>3</sup> entre 1988 e 2007. Esse financiamento era direcionado para a melhoria estratégica do solo, para

<sup>3</sup> O valor de (319 bilhões de RMB) em 2007 foi ajustado para valores de 2024 utilizando o Índice de Preços ao Consumidor (IPC) da China, com uma taxa média de inflação de 2,3% ao ano, seguindo a metodologia de correção monetária por juros compostos.

Fontes: National Bureau of Statistics of China (NBS)

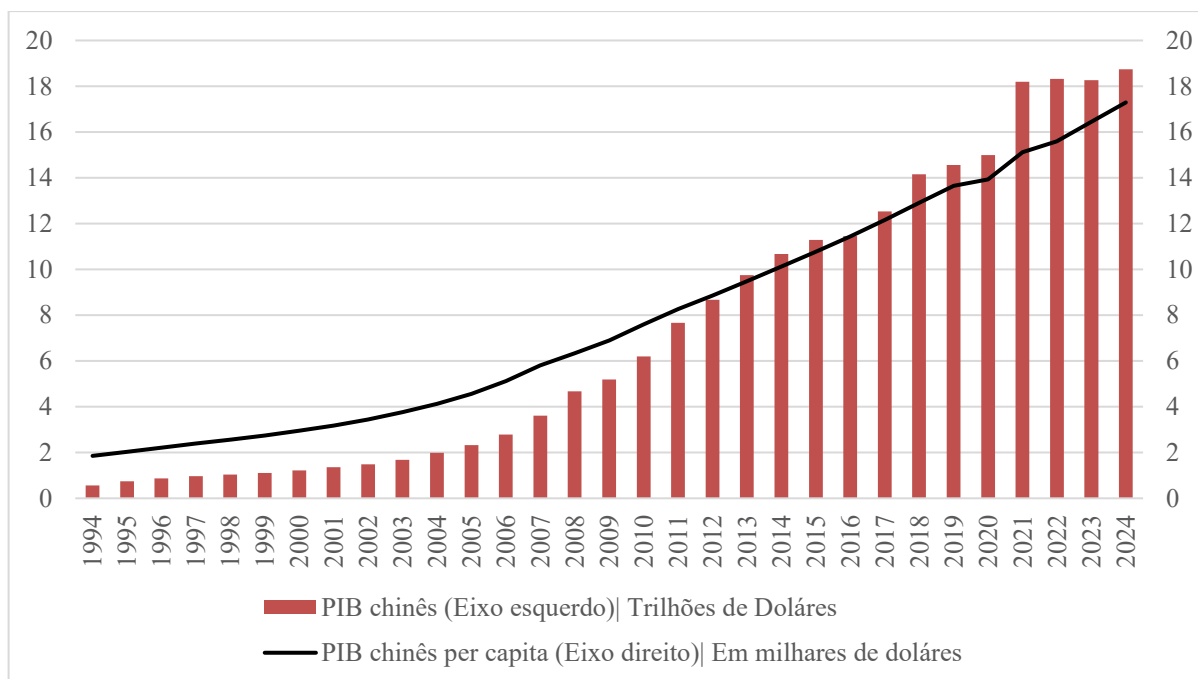
assim aumentar a capacidade de produção de grãos, como demonstrado no gráfico 5 sobre a produtividade das lavouras.

A partir dessa constatação, compreende-se que o Estado tem uma posição central para o desenvolvimento da agricultura chinesa. Esse papel é resultado da concepção do país sobre o conceito de autossuficiência, que evoluiu ao longo das décadas de 1950 a 1980: no período Maoísta, era autossuficiência estrita com isolamento internacional. Após 1978, a China buscou uma "autossuficiência controlada", envolvendo abertura seletiva à tecnologia e capital estrangeiro para modernizar a agricultura, mantendo o controle doméstico sobre a indústria de sementes e setores estratégicos (Gaudreau, 2019). Essa questão será mais explorada na seção dedicada a analisar o conceito de segurança alimentar para o país.

Então, após a exploração sobre o cenário rural da China, se faz necessário a análise sobre sua ascensão econômica que a posicionou como a segunda maior economia do mundo em 2024 (World Bank, 2025). O desenvolvimento econômico chinês se iniciou junto as reformas citadas anteriormente, em 1979, inaugurado pela consolidação de sua política de abertura e reformas. Segundo Visentini (2019), esse salto qualitativo no desenvolvimento chinês só foi possível graças a quatro condições prévias fundamentais: a tradição histórica de centralização política e continuidade estatal; a Revolução Socialista, que reorganizou a sociedade e o Estado, assegurando a soberania nacional; a industrialização básica realizada no período socialista, complementada pela cooperação com o Japão durante a crise do petróleo; e a aliança com os Estados Unidos, que rompeu o isolamento internacional e garantiu a entrada da China no Conselho de Segurança da ONU.

Do ponto de vista quantitativo, a partir do gráfico 6, observa-se que o PIB obteve um crescimento médio de 10% ao ano entre os anos de 2000 e 2010, sendo uma década extremamente próspera para economia chinesa. Ademais, observa-se que o PIB do país apresentou aumento de 75% entre 2014 a 2024, enquanto sua renda *per capita* cresceu 70% no mesmo período. Dessa forma, é possível constatar que há uma forte correlação de distribuição desse acréscimo de renda.

Figura 6 – Histórico de crescimento econômico da China (1994-2024)



Fonte: World Bank, 2023.

A organização interna da China se fez em volta de um Estado dominante, sua atuação é caracterizada como seu papel de planejador, regulador, proprietário e ator. Tendo isso em vista, esse sistema econômico se tornou sustentado pela capacidade do governo em alocar recursos financeiros, impulsionar a demanda, e guiar atividades econômicas, e esse controle só foi possível por meio de EEs posicionadas estrategicamente em setores chave da economia, como mídia, telecomunicações, e acima de tudo a agricultura (Christiansen, 2023).

Isso posto, após o alavancamento da própria economia, a China se tornou um importante centro de reservas de capital e um dos mais importantes investidores de capital para o exterior. E essa posição decorre de um plano estratégico específico, que direciona seus recursos para diversos setores internacionais, intitulado “*Going Global*”. Ele foi divulgado ao público durante o Comitê Central do PCC em 1999. No entanto, se chama atenção para o fato de que, apesar de apenas ter sido divulgado neste ano, reconhece-se que o plano já estava de fato em andamento a partir do ano de 1980 (Gaudreau, 2019).

O objetivo central da estratégia analisada envolve a utilização de capital chinês para investimentos em países estrangeiros, e aumento da capacidade do uso seguro, eficiente e sustentável da dinâmica que envolve dois mercados e dois recursos (China, 2011). Para o setor agroalimentar, esse desenvolvimento pavimentou o caminho para a consolidação da *trading* estatal chinesa COFCO como uma das mais importantes empresas do setor no mundo (Gioia; Onde, 2022). E esse processo compreendeu a compra das empresas Noble e Nidera em 2014 e

2017 respectivamente (Gaudreau, 2019), que serão futuramente detalhadas ao longo do estudo de caso sobre a empresa.

Dessa forma, após analisar a movimentação interna e a política econômica chinesa, observa-se que o país vem adotando estratégias que são denominadas de neomercantilistas. Isso implica que o Estado não utiliza os mercados apenas para ganhos de eficiência, mas principalmente para propósitos políticos, especialmente para aumentar o poder nacional, como é o caso da estratégia “*going global*”. No caso do setor agroalimentar, essa estratégia se sobressai devido à importância da pauta de segurança alimentar para uma nação com 1,3 bilhão de pessoas (World Bank, 2023). Para manter a estabilidade socioeconômica, o país buscou alcançar autossuficiência controlada e minimizar a dependência de potências estrangeiras, mesmo ao se engajar no comércio global (Belesky; Lawrence, 2019). Esse aspecto será retomado na próxima seção que explicitará a relação política e econômica presente no fator de segurança.

Dessa forma, o processo de crescimento econômico chinês, sustentado pelas reformas agrícolas e pela atuação central do Estado, foi fundamental para a superação da pobreza e para a consolidação da China como potência global. Essas transformações não apenas modernizaram o campo e garantiram a segurança alimentar, mas também estabeleceram as bases para a modernização e a expansão da indústria rural.

Compreender o histórico de desenvolvimento econômico e agroalimentar da China, que culminou em sua posição como maior importador mundial de *commodities* alimentares (USDA, 2024), é essencial para os objetivos desta monografia e para o estudo de caso proposto, que visa a validação da hipótese central do trabalho. Nesse sentido, a próxima seção fará um recorte específico dentro da economia chinesa analisada até aqui, aprofundando-se na dinâmica da indústria rural de processamento de culturas graníferas, com foco em sua modernização e expansão. Essa análise fornecerá o pano de fundo necessário para a discussão sobre o papel das EEs chinesas no capítulo seguinte, situando-as no contexto interno em que atuam e permitindo uma análise mais robusta de suas estratégias e impactos no cenário global.

## **2.2 Modernização e Expansão da Indústria Rural**

Para aprofundar a compreensão sobre os interesses geopolíticos e econômicos da China, bem como as estratégias adotadas para alcançá-los, este capítulo avança além da análise macroeconômica apresentada anteriormente, que destacou o crescimento sustentado e a transformação estrutural do país. O foco agora recai sobre um setor fundamental nessa trajetória: a indústria rural de processamento de grãos. Esse recorte é indispensável, pois a

revitalização e o desenvolvimento tecnológico desse segmento não apenas impulsionam a prosperidade regional, mas também constituem a base para entender o ecossistema empresarial chinês em sua totalidade, o que facilitará uma análise mais abrangente do funcionamento da COFCO, objeto do estudo de caso desenvolvido neste trabalho.

Isso posto, quando se remonta a modernização da agricultura chinesa, é necessário revisitar o período de Mao Tse-Tung, mais especificamente em 1964, quando foram definidas as “Quatro modernizações”:

Terceiro Congresso Nacional do Povo, em 21 de dezembro de 1964, com base na proposta de Mao Tse-tung, o primeiro-ministro Zhou Enlai declarou como objetivo estratégico do governo que: ‘A China está determinada a se transformar em um país forte, com agricultura moderna, indústria moderna, defesa moderna e ciência e tecnologia modernas num futuro próximo’. Desde então, essas ‘quatro modernizações’ (sihua) tornaram-se o plano geral para o desenvolvimento do país (Jingzhong, 2015, p.252).

Tendo isso em vista, o Estado chinês utilizou de um conjunto diversificado de políticas, investimentos e reformas institucionais para modernizar e fortalecer sua cadeia agrícola doméstica. Jingzhong (2015) afirma que o governo chinês passou a tratar as pautas de sua agricultura e a condição de vida dos camponeses como prioridade, sendo que a modernização do campo vem como principal caminho para atingir seus objetivos.

A principal estratégia do Estado chinês para promover o desenvolvimento rural baseou-se no financiamento direto e em incentivos fiscais. A execução de grandes projetos em regiões agrícolas se tornou prioridade, visando à aprimoração da logística entre as áreas de cultivo e os centros agroindustriais responsáveis pelo processamento de grãos. Uma medida decisiva para o setor agrícola no século XXI foi a abolição dos impostos agrícolas em 2006, o que reduziu significativamente os custos para os produtores (Jingzhong, 2015).

Além disso, políticas monetárias como empréstimos, descontos e concessão de taxas preferenciais estimularam as instituições financeiras a ampliar investimentos na revitalização rural. No âmbito financeiro, o governo também passou a autorizar novas modalidades creditícias, incluindo empréstimos hipotecários com garantia em gado vivo, aves e instalações agrícolas. Na década de 2020, o foco se intensificou na especialização da modernização do campo, com incentivos à chamada “agricultura inteligente”, que promove o uso de tecnologias como inteligência artificial e análise de dados para aprimorar a produção e a qualidade de vida nas áreas rurais chinesas (Xinhua, 2025).

Ao investigar as abordagens setoriais do Estado chinês em sua agricultura, o principal exemplo é o setor de biotecnologia. Isso se deve à priorização do país pelo desenvolvimento de sementes, mais especificamente em variedades de alto rendimento no período de coletivização (1953-1978) (Jingzhong, 2015). A China evitou a adoção direta de variedades estrangeiras,



optando por usar seus próprios recursos genéticos domésticos e redes de pesquisa para desenvolver essas sementes (Gaudreau, 2019).

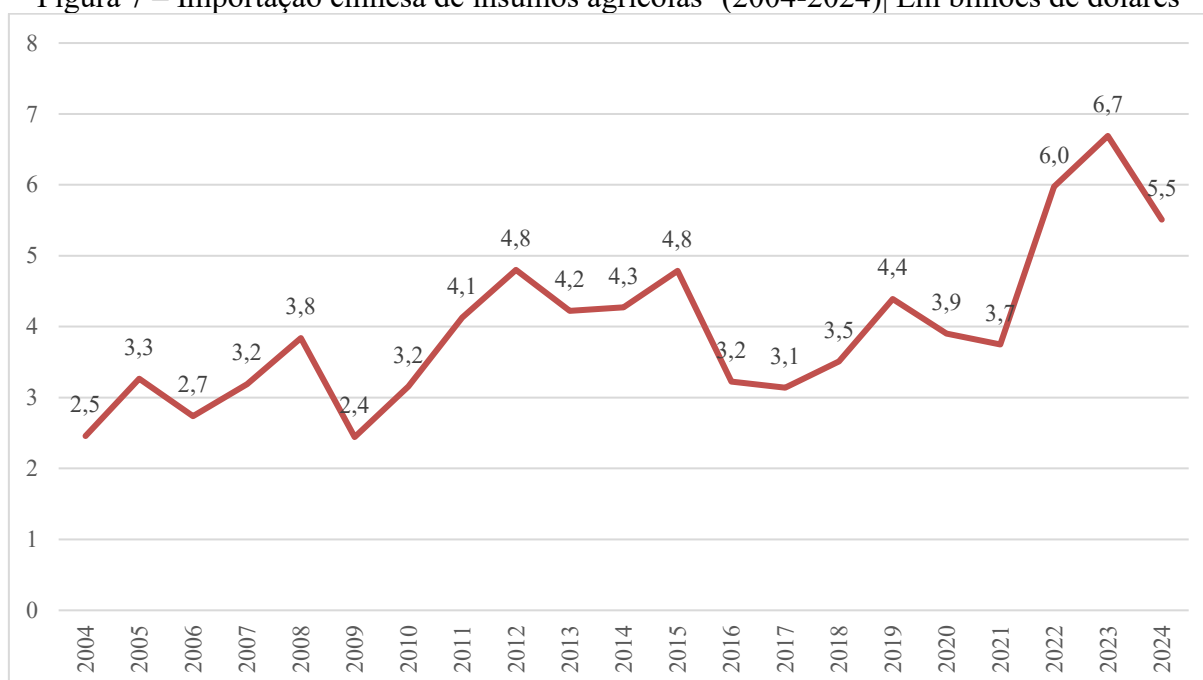
O papel do Estado chinês nesse setor partiu de volumosos investimentos em pesquisas de biotecnologia desde os anos 1980. Para dessa forma, promover a aceleração da inovação a aplicação da biotecnologia na agricultura, e fomentar uma indústria de sementes independente e fortificada (Gaudreau, 2019). Do ponto de vista de produtividade, os resultados podem ser observados com maior intensidade após o ano de 1979, como observado no gráfico 5.

No caso do setor de insumos agrícolas como fertilizantes, defensivos e maquinário, com o objetivo de aceleração do aumento de produtividade, o Estado chinês priorizou o financiamento dessa parte das contas do produtor, tornando o país em um grande importador desses produtos (Jingzhong, 2015). A análise do Gráfico 7 apresenta a evolução das importações chinesas de insumos agrícolas entre 2004 e 2024. De 2004 a 2014, observa-se um crescimento expressivo de 74% nas importações desses insumos, evidenciando o esforço do governo em impulsionar a modernização agrícola e apoiar financeiramente os produtores por meio do acesso aos fertilizantes, defensivos e maquinário mais avançados. Esse movimento reflete diretamente as políticas de financiamento estatal e os investimentos em pesquisa para criar uma base produtiva mais robusta e menos dependente de tecnologias externas, conforme destacado por Gaudreau (2019) e Jingzhong (2015).

A partir de 2014 até 2024, embora o ritmo de crescimento das importações desacelere para 29%, a tendência ainda é positiva, indicando continuidade do processo de modernização agrícola, mas também sugerindo um possível amadurecimento do setor interno ou avanços na independência tecnológica, especialmente em áreas como biotecnologia e produção de sementes. Ainda assim, o patamar elevado mantém a China como um dos principais compradores globais de insumos agrícolas, reforçando a importância do setor para a segurança alimentar e para a manutenção da competitividade internacional do agronegócio chinês.

Neste contexto, os dados ilustram não só o impacto das políticas estatais na transformação do setor agrícola chinês, mas também a maneira como o Estado sustenta sua estratégia geopolítica ao garantir o abastecimento e a competitividade de sua produção interna frente ao mercado global.

Figura 7 – Importação chinesa de insumos agrícolas<sup>4</sup> (2004-2024)| Em bilhões de dólares<sup>5</sup>



Fonte: United Nations, 2025.

Após realizar investimentos no setor produtivo, diversas reformas foram implementadas no setor industrial da cadeia agrícola. O governo chinês incentivou a consolidação de setores como o de esmagamento de soja e a cadeia de valor da pecuária, criando empresas maiores, chamadas de empresas “cabeça de dragão”, para possuírem maior vantagem competitiva no mercado internacional, pautada na obtenção de custos unitários mais baixos e maior controle sobre o fornecimento de matérias-primas (Sharma, 2014). No próximo capítulo esse grupo de empresas será tratado com maior profundidade para a compreensão da sua relação com o estado.

Isso posto, essas companhias atuam como instrumentos-chave para a estratégia interna de segurança alimentar, abrangendo diversos mercados internacionais agroalimentares, com o objetivo de controlar as cadeias de suprimentos e tecnologias (Belesky; Lawrence, 2019). A estratégia utilizada por elas incluem: investimentos governamentais que possibilitem diminuição de custos unitários, e maior controle sobre o fornecimento de matérias-primas (Jingzhong, 2015).

Aprofundar-se na evolução da indústria rural fornece, assim, o contexto interno indispensável para a subsequente discussão sobre o papel estratégico das EEs chinesas. Ao situar a atuação e as estratégias dessas companhias dentro deste cenário de transformação rural

<sup>4</sup> Para seleção de insumos do grupo de maquinários, fertilizantes e defensivos agrícolas, foram utilizados os seguintes códigos, segundo o sistema harmonizado: 8432, 32 e 3808.

<sup>5</sup> Valores já deflacionados para o valor atual de dólar (2025).

em curso, será possível analisar com maior robustez não apenas seu impacto no desenvolvimento doméstico, mas também sua projeção e influência no cenário econômico global.

### 3 ESTRATÉGIAS CHINESAS PARA INSERÇÃO NO MERCADO MUNDIAL DE *COMMODITIES*

Dando continuidade à análise sobre a ascensão da China no cenário agroalimentar global, este capítulo aborda as estratégias empregadas pelo país para ampliar sua presença no mercado internacional de *commodities* agrícolas. O objetivo é compreender as dinâmicas geopolíticas e econômicas chinesas, especialmente por meio da atuação de EEs e da relação do Estado com essas corporações. Serão examinados em profundidade o desenvolvimento interno da agricultura e da indústria rural chinesa, bem como o papel central desempenhado pelo Estado e por suas estatais. Também serão detalhadas as maneiras pelas quais a China projeta seu poder econômico e geopolítico a partir de sua inserção estratégica em mercados externos.

Aqui, serão explorados os mecanismos de planejamento centralizado, a dinâmica das grandes EEs — particularmente as chamadas “empresas cabeça de dragão” — e o vetor fundamental da segurança alimentar que orienta as políticas chinesas. Este capítulo visa a demonstrar como o Estado chinês, por meio de suas políticas econômicas e de seus instrumentos corporativos, constrói uma presença assertiva e estruturada na cadeia global de produção, comércio e processamento de *commodities*.

A compreensão das estratégias chinesas para internacionalização e inserção no comércio global é fundamental para contextualizar o estudo de caso que se seguirá: a entrada da COFCO no Brasil. Assim, este capítulo prepara o terreno para analisar as motivações, impactos e desafios decorrentes da atuação da maior *trading* estatal chinesa no maior polo mundial da produção e exportação de soja, refletindo o entrelaçamento entre interesses nacionais chineses e o panorama global do agronegócio.

#### 3.1 Empresas Estatais e sua Relação com o Governo

O agronegócio chinês é largamente dominado por empresas domésticas, que podem ser estatais, privadas ou de propriedade mista. Corporações transnacionais são frequentemente relegadas a papéis secundários, e esse modelo de organização de mercado vem do característico capitalismo estatal chinês, que se trata do sistema econômico pautado na economia de um único partido. Como citado anteriormente, o governo chinês adota estratégias típicas desse sistema em setores estratégicos, como o agroalimentar, devido às ligações percebidas entre a segurança nacional, a estabilidade socioeconômica e a segurança alimentar doméstica. Essa abordagem busca maximizar o comércio e o crescimento econômico e garantir o abastecimento alimentar a longo prazo do país (Belesky; Lawrence, 2019).

Tendo isso em vista, a reforma que estruturou as grandes empresas estatais chinesas observadas atualmente, como COFCO, se origina com Deng Xiaoping em 1978, com a privatização das menores e corporativização das maiores sob o "Sistema de Empresas Modernas". Apesar dessas reformas, a intervenção governamental na economia permanece significativa, com as EEs desfrutando de acesso privilegiado às elites governamentais, bancos estatais, subsídios e isenções fiscais (McNally, 2012).

O maior exemplo da política de empresas estatais chinesas no setor agroalimentar são as empresas cabeças de dragão (*Longtou Qiye*), já citadas anteriormente. Seu desenvolvimento se iniciou em 1998, e como uma cabeça, seu papel é liderar o setor agrícola chinês por meio da integração e aumento da produção. Sua estratégia para alcançar esse feito envolve abrir novos mercados, inovar em ciência e tecnologia e impulsionar famílias de agricultores a prover o desenvolvimento econômico regional. Na economia pós anos 2000, essas companhias assumem a dianteira do programa “*going global*”, e reforçam o poder chinês no mercado global, por meio da instalação de unidades em diversos países. O Estado as apoia para consolidar um setor nacional de agronegócio robusto, tanto como meio para o desenvolvimento rural e econômico quanto como uma nova fronteira para acessar recursos e mercados internacionais (Schneider, 2017).

Embora possam ser EEs, privadas ou de propriedade mista, as "cabeças de dragão" representam um "nexo estatal-privado". O governo estabelece critérios operacionais, financeiros e de integração agrícola para que uma empresa obtenha o *status* de cabeça de dragão. Por exemplo, devem operar principalmente no processamento, distribuição ou intermediação agrícola, e o processamento e a distribuição devem representar pelo menos 70% do valor dos produtos da empresa. Dois dos maiores exemplos desse tipo de companhia são a COFCO e a empresa de biotecnologia agrícola Chemchina (Kong, 2017).

Além disso, as elites estatais e privadas na China colaboram para consolidar um setor nacional de agronegócio robusto, tendo em vista que esse grupo seletivo tem seus executivos seniores frequentemente nomeados pelo PCC, e a liderança do partido deve ser incorporada aos estatutos sociais das EEs. Com isso, o governo atua com um "pulso firme" na determinação dos rumos da expansão do mercado e da destinação dos lucros, às vezes por intermédio do controle corporativo (Allen; Cai; Gu; Qian; Zhao; Zhu, 2024).

As formas de apoio estatal variam, podendo se apresentar por meio de subsídios financeiros para despesas de construção e operacionais, incentivos fiscais, como isenções e reduções, além de abatimentos de impostos de exportação, e empréstimos subsidiados e acesso aos empréstimos especiais com juros reduzidos ou nulos de bancos estatais (Schneider, 2017). As

empresas cabeça de dragão se encaixam no modelo de capitalismo de Estado adotado pela China, que emprega práticas capitalistas, mas com o Estado desempenhando um papel estratégico na promoção do crescimento econômico e na direção das políticas industriais (Kong, 2017).

As EEs são vistas como instrumentos para o Estado alcançar objetivos estratégicos nacionais. Elas contribuíram com uma estimativa de 23% a 28% para o PIB da China e entre 5% e 16% para o emprego total em 2017 (Zhang, 2019). No entanto, do ponto de vista do mercado internacional, aumenta-se as preocupações em relação ao crescimento das EEs chinesas, visto que o crescimento no número de companhias estatais entre as 500 maiores empresas do mundo é atribuído quase que exclusivamente à China, com o número das EEs chinesas na lista Fortune Global 500 aumentando de 15 em 2005 para 93 em 2020 (Wiatkowski; Golebiowska; Mroczek, 2023).

O maior temor cresce em torno de distorções de concorrência financiadas por subsídios, levando a esforços para impor regulamentações mais estrita, como investigações da União Europeia em relação à natureza e quantidade de subsídios alocados para empresas chinesas em outros setores, como automóveis elétricos em 2024 (Bickenbach; Dohse; Langhammer; Liu, 2024).

Em suma, o modelo chinês de agronegócio é marcado pela forte intervenção estatal e por uma interação única entre empresas públicas e privadas. A COFCO se enquadra como uma das primeiras empresas cabeça de dragão (Sharma, 2014), mas não possui apenas esse papel, pois também é um fator importante da estratégia *Going Global*, como será discutido no respectivo capítulo de estudo de caso. Na próxima e última seção do presente capítulo, será abordado de maneira aprofundada a questão da segurança alimentar como vetor que promove as estratégias observadas tanto nessa seção quanto nas anteriores.

### **3.2 Segurança e Soberania Alimentar como Vetor Estratégico**

Até o momento da presente pesquisa houve a abordagem pela via econômica, científica por meio da modernização e recorte de cenário por meio da análise da relação entre as empresas estatais e governo. Observa-se um fator em comum que serve de fio condutor entre todas elas, a preocupação do Estado chinês em obter estabilidade em sua segurança alimentar. Com isso, essa pauta se tornou a principal motivação quando se trata das estratégias observadas até o momento, bem como sua projeção de poder na economia mundial. Dessa forma, essa seção cumprirá o objetivo de destrinchar seu peso para decisões do Estado chinês, e para facilitar sua compreensão quando se tratar do posicionamento da COFCO no mercado internacional.

O conceito de "segurança alimentar" na China se difere da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), visto que o órgão da ONU entende esse conceito conforme pautado na Cúpula Mundial da Alimentação de 1996 estabelecendo que:

Existe segurança alimentar quando as pessoas têm, a todo momento, acesso físico e económico a alimentos seguros, nutritivos e suficientes para satisfazer as suas necessidades dietéticas e preferências alimentares, a fim de levarem uma vida ativa e sã (World Food Summit, 1996).

Por sua vez, para a China, sua definição é frequentemente referida como "segurança de grãos" (*liangshi anquan*), nesse caso se pautando prioritariamente na autossuficiência da sua produção de grãos. Essa divergência está profundamente enraizada na história chinesa e nas prioridades do Partido-Estado, devido aos períodos de grande fome decorridos do “Grande Salto adiante”.

Dessa forma, para a China se torna relevante o conceito de Soberania Alimentar, definido também pela FAO como:

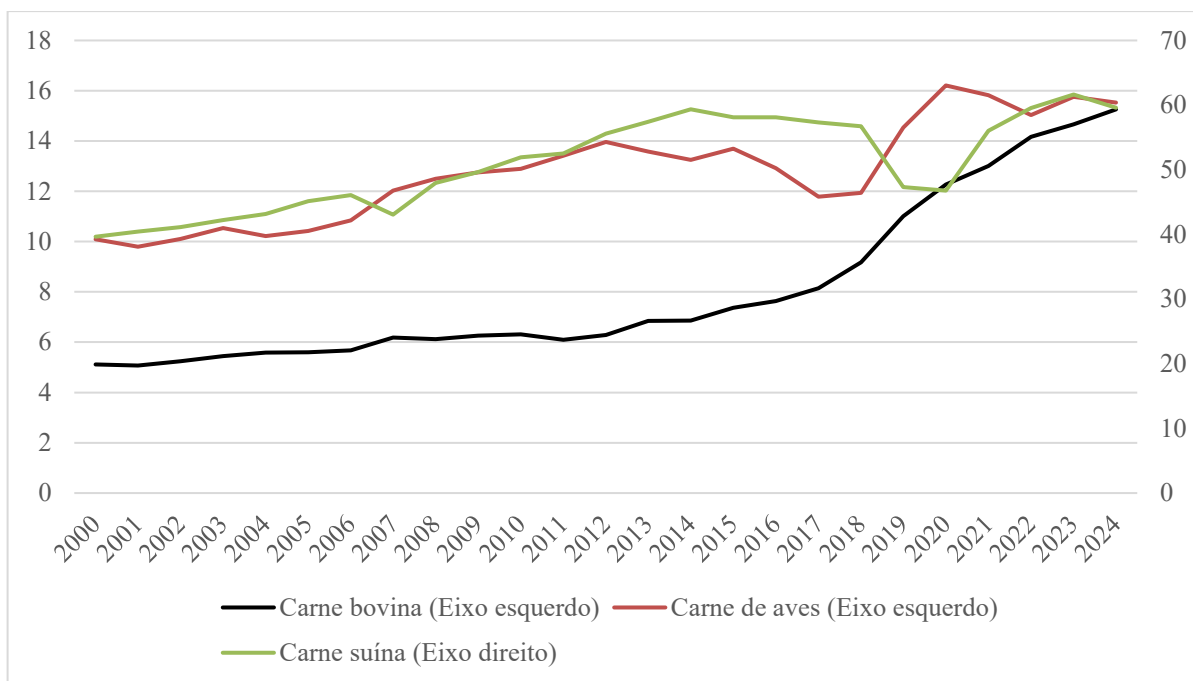
(...) o direito dos povos à alimentação saudável e culturalmente adequada que seja produzida por métodos ecologicamente corretos e sustentáveis. É também o direito dos povos definirem seus próprios sistemas alimentares e agrícolas (Forum For Food Sovereignty, 2007 *apud* Mendes; Gonçalves, 2023).

Sob essa perspectiva, destaca-se a importância da autonomia e sustentabilidade de um sistema alimentar robusto para o Estado chinês. Visto que, a soberania e autonomia de grãos também está atrelada a independência e poder político para o país. Isso posto, essa concepção pode se ver refletida no controle nacional sobre cada segmento da cadeia de suprimentos de grãos, como observado nas modernizações descritas anteriormente (Christiansen, 2023).

Contudo, com a mudança dos hábitos alimentares da população chinesa devido ao aumento da renda das famílias, como observado no gráfico 6, com aumento de 70% no PIB *per capita* entre 2014 e 2024. Essa mudança de renda familiar, provocou um grande impacto no padrão de consumo dos chineses, com um enorme crescimento no consumo de carne e um declínio no consumo de carboidratos, e essa mudança levou a necessidade de procurar a origem alimentar em outras fronteiras (Christiansen, 2023).

Como observado no gráfico 8, no qual se analisa o histórico do consumo de carne no país, é possível comprovar que a carne bovina, antes considerada um artigo de luxo, obteve um crescimento de consumo de 122% entre 2014 e 2024. Já a carne suína, é considerada o alimento oficial do país (Schneider, 2017), atingindo 59,6 milhões de toneladas consumidas em 2024, no entanto seu crescimento é menor comparado ao caso da bovinocultura, mas isso ocorre pela mudança no padrão alimentar da população. Por fim, o consumo de carne de aves apresentou um aumento de 17% entre 2014 e 2024, também sinalizando uma mudança em seu consumo.

Figura 8 – Histórico de consumo<sup>6</sup> de carne na China (2000-2024) | Em Milhões de toneladas



Fonte: USDA, 2025.

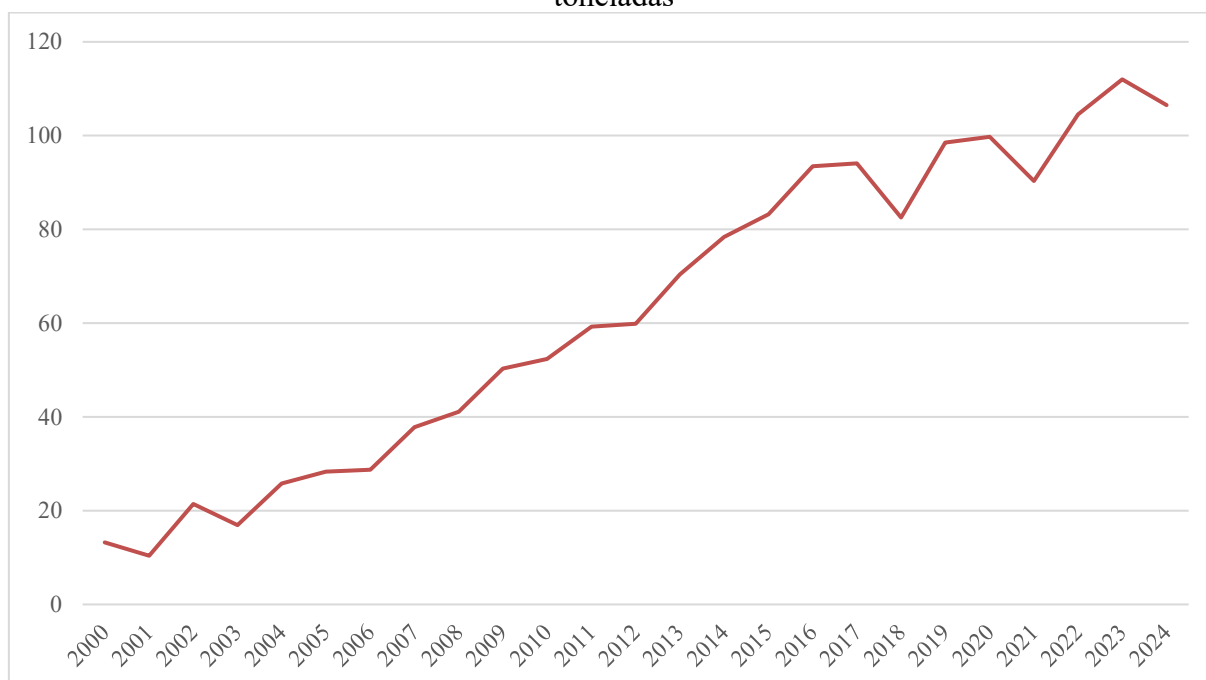
Com isso em vista, a estratégia “*Going Global*”, citada diversas vezes ao longo do capítulo, se faz essencial para essa nova fase econômica da nação. Em virtude de seu principal objetivo de complementar os recursos necessários da China, observa-se sua atuação no setor agroalimentar para impulsionar as exportações de *commodities*, e cultivar corporações e marcas transnacionais chinesas. Essa estratégia é claramente vinculada à segurança alimentar nacional, moldando o foco do Partido-Estado em garantir grãos importados, desenvolver mercados de exportação para sementes de grãos e promover o agronegócio chinês no exterior.

Então, entende-se que a política “*Going Global*” é uma resposta aos desafios de manter o controle sobre o suprimento doméstico de alimentos na China (Gaudreau, 2019). O que se concretiza por meio do aumento absoluto de 35% nas importações de soja entre 2014 e 2024, como observado no gráfico 9 (tendo em vista, que o milho possui relevante produção interna (USDA, 2025), sendo necessário sua compra externa apenas em casos de quebra de safra).

<sup>6</sup> Para cálculo do consumo, foram somados os números de consumo doméstico e importação do país para os respectivos produtos.



Figura 9 – Histórico sobre a importação chinesa de soja (2000-2024) | Em milhões de toneladas



Fonte: USDA, 2025.

Após compreender os motivos quantitativos subjacentes à da segurança alimentar chinesa, é necessário se adentrar no âmbito político para analisar os objetivos do país no mercado internacional. A autossuficiência alimentar chinesa se origina de uma ambição por manter a soberania, sem haver uma dependência externa por alimentos que prejudicasse o poder de barganha da nação (tendo em mente os conflitos enfrentados durante a década de 1940, durante a concepção da República Popular da China). Com isso, o país manteve uma autonomia histórica significativa em relação ao regime alimentar liderado pelos EUA no meio do século XX (a "revolução verde"). Essa desconexão inicial proporcionou à China espaço de política doméstica para desenvolver sua própria indústria de sementes e regulamentar a entrada de empresas estrangeiras, evitando a consolidação multinacional observada em outros lugares (Gaudreau, 2019).

No entanto, essa independência se perdeu ao longo da década de 1990, devido ao aumento de demanda pela transição de renda da população, citada anteriormente. Com isso, o país se consolidou em 2024 como o maior importador de soja, carne bovina e suína do mundo (USDA, 2025). Dessa forma, o país se torna mais vulnerável a choques de oferta e flutuações de preços em mercados globais de grãos, que são altamente concentrados.

A relação que se pode construir é de que as grandes EEs, como a COFCO, têm um papel fundamental no desenvolvimento e manutenção do controle sobre os mercados-chave, para assim garantir a segurança alimentar do país. A estratégia "*Going Out*" não é apenas comercial;

está intimamente ligada aos objetivos políticos gerais do Estado, com empresas agrícolas desempenhando um papel na sua execução.

Em suma, a segurança alimentar para a China não se limita a garantir uma produção interna suficiente, mas se expande para uma estratégia de política externa e econômica que busca controlar e influenciar as cadeias de suprimentos globais de grãos e sementes. Essa abordagem, impulsionada por uma profunda preocupação com a soberania nacional e a estabilidade, resulta na projeção de poder econômico e político da China no sistema alimentar mundial.

O desenvolvimento acelerado da agricultura e indústria rural chinesas, impulsionado por sucessivas reformas desde 1979, autoriza compreender a ascensão da China a partir de uma complexa articulação entre planejamento estatal, modernização tecnológica e estratégias orientadas para a integração nos mercados globais de *commodities*. As transformações iniciadas pelo PCC sob a liderança de Deng Xiaoping foram fundamentais para tirar o país de uma prolongada estagnação, marcar o fim da autossuficiência estrita maoísta e inaugurar um sistema de "autossuficiência controlada", em que a abertura seletiva ao capital e tecnologia estrangeiros caminhou junto com o rígido controle dos setores estratégicos, como sementes e produção de grãos.

A combinação entre o Sistema de Responsabilidade Familiar (SRF) no campo, o estímulo à criação de empresas rurais, volumosos investimentos públicos em pesquisa e infraestrutura, bem como políticas monetárias e fiscais favoráveis, resultou em ganhos expressivos de produtividade agrícola, redução acentuada da pobreza no campo e diversificação das fontes de renda da população rural. Essas medidas, aliadas à modernização tecnológica — com destaque para o fortalecimento do setor de biotecnologia e insumos agrícolas —, posicionaram a China como importante *player* tanto no consumo quanto na produção global de alimentos.

O Estado chinês se manteve central como planejador, regulador e financiador, guiando as atividades econômicas e determinando, por meio de planos quinquenais, as prioridades nacionais para o agronegócio e a política externa. A ascensão das empresas estatais — exemplificadas pelas chamadas "empresas cabeça de dragão" — reforçou o modelo de capitalismo de Estado, promovendo a consolidação da indústria rural, a integração produtiva com pequenos agricultores e a internacionalização do capital chinês. Nesse contexto, a segurança alimentar se consolidou como vetor estratégico: a busca por garantias de abastecimento, controle de cadeias globais e minimização de riscos externos se tornaram

objetivos centrais, impulsionando a China à posição de maior importadora mundial de *commodities* como soja e carnes.

Esses elementos explicam não apenas a transformação interna do setor agroalimentar chinês, mas a projeção global do país, cuja atuação é cada vez mais marcada por estratégias neomercantilistas (Belesky; Lawrence, 2019), no qual a política alimenta e é alimentada pelo objetivo maior de soberania e estabilidade nacional. A atuação das EEs nas cadeias globais, ao mesmo tempo em que serve à segurança interna, também redefine padrões concorrenciais internacionais e levanta novas preocupações sobre competição, concentração de mercado e os limites do apoio estatal em um mundo multipolar.

Ao sintetizar essa trajetória, evidencia-se que o caso chinês não é apenas uma história de crescimento agrícola, mas o retrato de uma estratégia de desenvolvimento deliberada e multifacetada. Os pilares descritos — modernização rural, fortalecimento das EEs, abertura internacional seletiva e foco em segurança alimentar — pavimentam o caminho para analisar como essas diretrizes se materializam fora das fronteiras da China.

Neste sentido, o capítulo seguinte avança o olhar para um estudo de caso: a entrada da COFCO no Brasil. Para investigar o movimento da principal *trading* estatal chinesa no maior fornecedor de soja do mundo, será possível desvendar, na prática, como se entrelaçam os interesses estratégicos chineses, o reposicionamento no oligopólio global das *commodities* e os impactos concretos sobre o agronegócio brasileiro. Assim, a análise da COFCO no Brasil permitirá compreender de que modo a geopolítica e as diretrizes econômicas do Estado chinês influenciam, reconfiguram e desafiam o cenário das relações comerciais, cadeias produtivas e o próprio equilíbrio do poder global no setor de grãos e alimentos.

#### 4 ESTUDO DE CASO – ENTRADA DA COFCO NO BRASIL

Como explorado anteriormente, a ascensão da China como potência global tem se refletido de maneira contundente no mercado internacional de *commodities*, especialmente no setor agrícola. Entre os principais instrumentos dessa estratégia está a COFCO, gigante estatal chinesa que, ao longo das últimas décadas, consolidou-se como protagonista no comércio global de grãos. Logo, este capítulo tem como objetivo analisar a entrada da COFCO no Brasil, utilizando esse movimento como estudo de caso para compreender como as diretrizes estratégicas chinesas se materializam na prática e impactam a dinâmica do agronegócio brasileiro.

O Brasil, atualmente líder mundial na produção e exportação de soja e um dos principais polos globais de milho e algodão, tornou-se peça-chave na segurança alimentar chinesa. Nesse contexto, a presença da COFCO no Brasil não apenas reforça a interdependência sino-brasileira, mas também evidencia o reposicionamento chinês diante da concentração de mercado das grandes *tradings* ocidentais (ABCD), tradicionalmente dominantes no setor.

O capítulo está estruturado para, inicialmente, contextualizar o perfil e a trajetória global da COFCO, destacando seu hibridismo entre interesses de Estado e lógica de mercado. Em seguida, será detalhada a estratégia de entrada da empresa no Brasil, marcada por aquisições de ativos logísticos e operações já consolidadas, como a Nidera e a Noble Agri. Por fim, serão apresentados os principais impactos e desafios gerados por esse processo, abordando as mudanças na concorrência, nos mecanismos de comercialização de grãos e nos investimentos em infraestrutura logística nacional.

Ao analisar a inserção da COFCO no Brasil, busca-se não apenas compreender um movimento empresarial, mas decifrar como a geopolítica chinesa se projeta sobre o agronegócio brasileiro, influenciando cadeias produtivas, relações comerciais e a configuração do poder global no comércio de *commodities*. E por fim, para comprovar a hipótese norteadora da presente monografia.

##### 4.1 A COFCO: Perfil e Estratégia Global

Fundada em 1949 na região de Tianjin, no Norte da China, COFCO foi constituída inicialmente sob a denominação de North China Foreign Trade Company. Após a Proclamação da República Popular da China em outubro do mesmo ano, sua sede de Comércio Exterior foi transferida para Pequim e transformada em uma empresa nacional. No ano seguinte, o PCC renomeou-a China National Cereals Corporation, redirecionando seu desenvolvimento para projetos nacionais e ampliando os financiamentos governamentais. Nesse contexto, a empresa

concentrou sua estratégia para exportação de produtos agrícolas para acúmulo de divisas – escassas devido à recém unificação do país –, com isso adquirindo o financiamento necessário para iniciativas estratégicas do governo (COFCO, 2024).

Devido ao cenário do sistema internacional na década de 1950, a COFCO concentrou seu comércio com a antiga União Soviética. Entretanto, gradualmente o diversificou, incluindo a Europa Oriental e Ásia, por meio de acordos comerciais que, em muitos casos, se assemelhavam à prática do escambo (COFCO, 2024). Historicamente, a atuação da empresa funcionou como um instrumento fundamental do governo chinês para gerenciar os mercados de *commodities*, buscando equilibrar a oferta e a demanda nos mercados domésticos para cumprir objetivos governamentais, como segurança alimentar e estabilização de preços (McCorriston; Mac Laren, 2010).

Até o ano de 2001, e antes das reformas exigidas para entrada na OMC, a COFCO detinha direitos exclusivos significativos sobre a importação de grãos (trigo, milho e arroz), óleos vegetais e açúcar, além de direitos exclusivos sobre a exportação de arroz, milho e soja – o que mudou após esse período. A Comissão Nacional de Planejamento e Reforma (agora National Development and Reform Commission - NDRC) era o órgão que determinava o nível das necessidades de importação e os volumes para exportação, com a COFCO atuando essencialmente como o agente para essas decisões estratégicas (McCorriston; Mac Laren, 2010).

Considerando a mudança apontada anteriormente com a adesão do país à OMC, essa função se transformou parcialmente, com a redução de alguns direitos exclusivos de importação, permitindo a participação de empresas privadas licenciadas sob quotas tarifárias no mercado de soja doméstico, embora a COFCO continuou a ter um papel proeminente na gestão do comércio (McCorriston; Mac Laren, 2010).

Ao remontar à década de 1960, a empresa priorizou a industrialização do país – devido à mudança de política de desenvolvimento do Estado –, expandindo suas bases de produção e instalando diversas fábricas e plantas de processamento de grãos pela China – se expandindo para mais de 40 filiais em diferentes províncias. Segundo o site eletrônico oficial da empresa, seu papel não apenas era de abastecer a nação, mas também de controlar os preços de mercado que sustentavam essa função, por meio do controle de oferta e demanda. Como observado, durante a década analisada, com grandes ocorrências de fome no país, a COFCO foi a instituição responsável pela importação de alimentos para aliviar as tensões no abastecimento alimentar da população (COFCO, 2024).

Em 1970, o crescimento e industrialização da COFCO se desenvolveram com maior intensidade e em 1987, passou por uma reestruturação organizacional significativa, ordenada pela Reunião Nacional de Gerentes sobre Sistemas de Cereais. Esse processo transformou-a de uma única agência de Comércio Exterior em um conglomerado de EEs. Em 1989, a COFCO anunciou publicamente, pela primeira vez, suas intenções de se tornar uma empresa multifuncional e internacional (COFCO, 2024).

À medida que houve uma aceleração no crescimento econômico chinês em 1990, a COFCO também pôde embarcar nessa transformação, expandindo e diversificando seus negócios – como discutido anteriormente – com maior intensidade. Esse processo marcou o início de seu longo histórico de aquisição de empresas, iniciado pela absorção de subsidiárias como a COFCO International Limited e a compra da Top Glory International Holdings Limited. Com isso, para garantir o alinhamento da empresa com as estratégias nacionais, ela foi oficializada em 1998 como uma companhia totalmente estatal, e assumiu seu novo nome: China National Cereals, Oils and Foodstuffs Import & Export Corporation (Group) Co., Ltd (COFCO, 2024).

A partir dos anos 2000, a corporação intensificou sua estratégia de integração vertical, construindo uma cadeia de valor para reforçar sua competitividade no mercado de grãos. Em 2007, a companhia passou a ser chamada oficialmente de COFCO Corporation. Entre 2004 e 2016, a COFCO se fundiu e adquiriu 15 companhias nacionais e internacionais de diversos segmentos. Com isso, construiu sua relevância como *player* do mercado de *commodities* (COFCO, 2024).

Com um ponto de atenção significativo nesse período sendo a compra da Noble Agri por US\$ 1,2 bilhão em 2014, sediada em Hong Kong, e da Nidera por US\$ 1,5 bilhão em 2016, sediada na Holanda (Escher; Wilkinson, 2019), essas aquisições consolidaram imediatamente a posição da COFCO entre os principais comerciantes agrícolas globais na América do Sul, atingindo a quinta posição de mercado no complexo da soja na região. Essa estratégia de investimento em ativos existentes ("brownfield"), quando se herda operações estabelecidas no país que estão adentrando, mostrou-se mais bem-sucedida do que tentativas anteriores de compra direta de terras. A Noble Agri tinha uma presença mais forte no Brasil e Paraguai, enquanto a Nidera se posicionava de forma mais sólida na Argentina e Uruguai (Wesz Jr.; Escher; Fares, 2023).

Com isso, o que se pode afirmar sobre o perfil da COFCO a partir da recapitulação de sua história, é seu hibridismo entre os objetivos de Estado e lógica de mercado. Tendo em vista que a empresa projeta o poder econômico da China para remodelação das relações no mercado

internacional, e ainda assim garantindo a segurança alimentar do país. Sua entrada no Brasil, tema da próxima seção, deve ser analisada sob essa dualidade da corporação: seus interesses comerciais carregam um forte componente geopolítico, diretamente ligado à ascensão da China no sistema internacional.

#### **4.2 A Entrada da COFCO no Brasil**

A agricultura brasileira passou por profundas transformações nas últimas três décadas. Essa evolução caracterizou-se tanto pela expansão acelerada da fronteira agrícola rumo ao Centro-Oeste quanto pela adoção de biotecnologia na produção de grãos. Esses fatores impulsionaram significativamente a produtividade, alçando o país à condição de uma das maiores potências agrícolas mundiais.

Como resultado desse desenvolvimento, o mercado brasileiro alcançou, em 2023, a marca de 148 milhões de toneladas de soja produzidas (CONAB, 2024), das quais 102 milhões foram destinadas à exportação (MDIC, 2025). Sob a ótica macroeconômica, o setor agronegócio responde por 23,5% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional em 2023 e gerou aproximadamente 28 milhões de empregos no mesmo ano (CEPEA, 2023). Como observado nos gráficos 10 e 11, simultaneamente, a produtividade da soja cresceu de 46,8% de 1993 a 2023. E sob um resultado mais absoluto, a produção brasileira de soja, unida ao aumento de produtividade e área plantada, resultou no crescimento de sua produção de 72% entre 2003 e 2013, e a mesma porcentagem de aumento entre 2013 e 2023 (CONAB, 2024). Esse resultado evidencia não apenas o aumento da produção, mas também o ganho de eficiência.

Figura 10 – Histórico da produtividade brasileira de soja (1993-2023) | Em toneladas por hectare

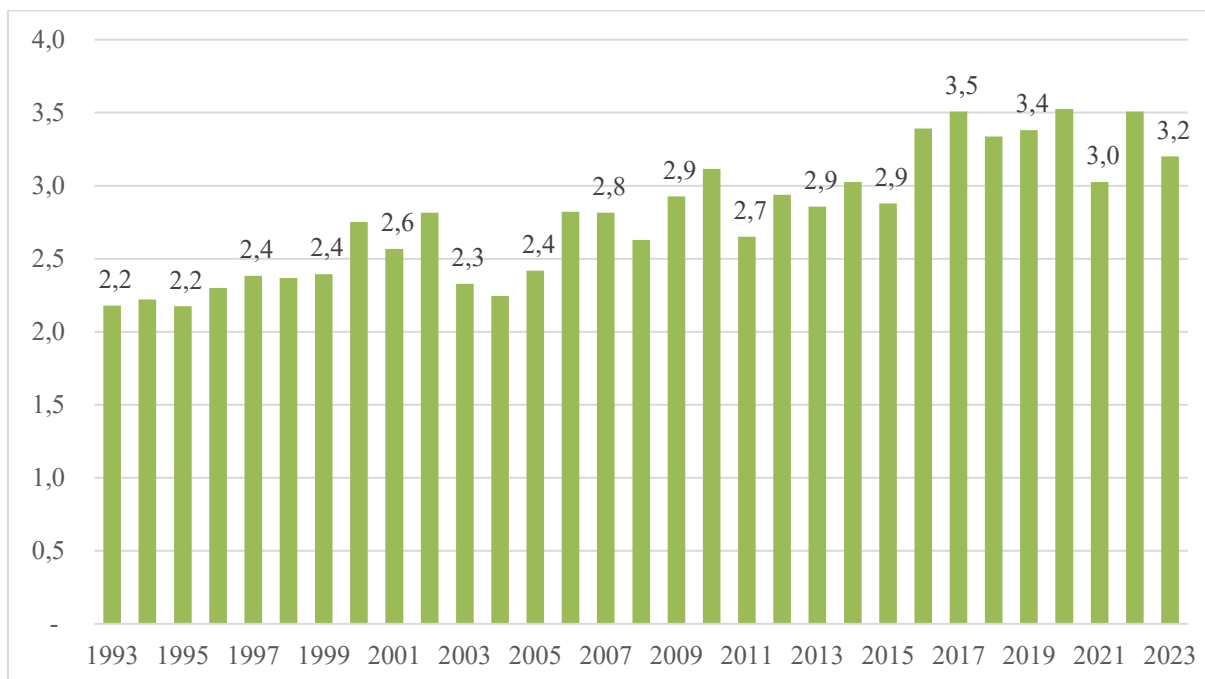
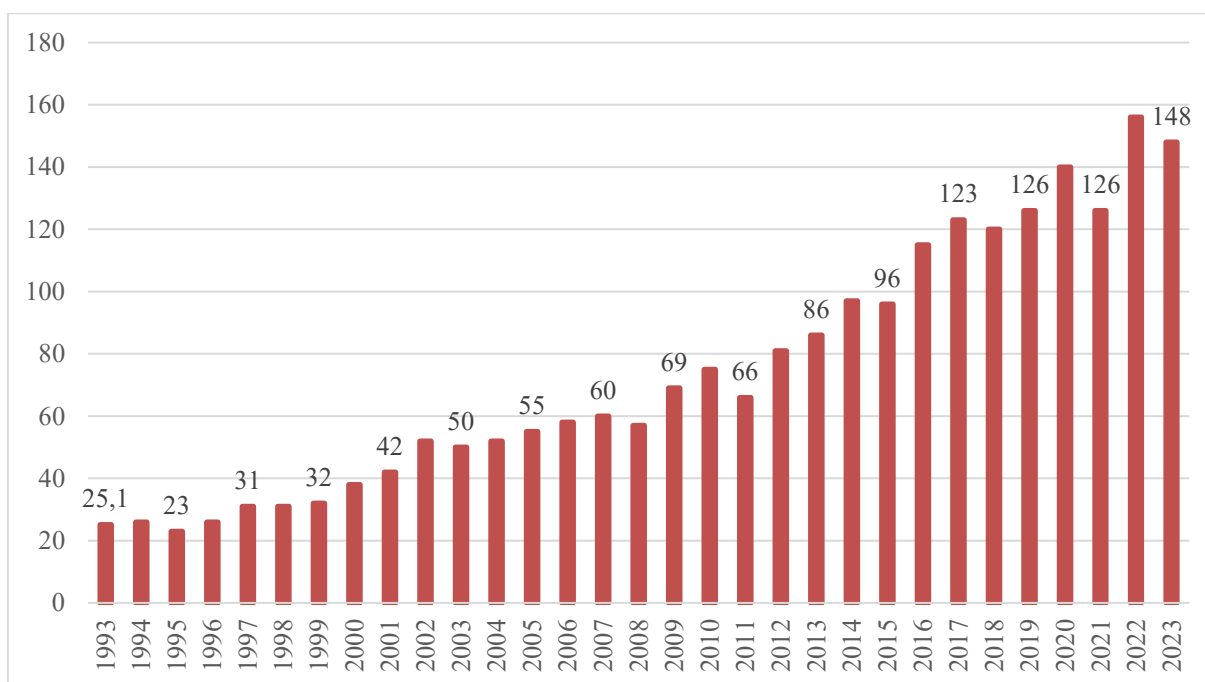


Figura 11 – Histórico da produção brasileira de soja (1993-2023) | Em milhão de toneladas



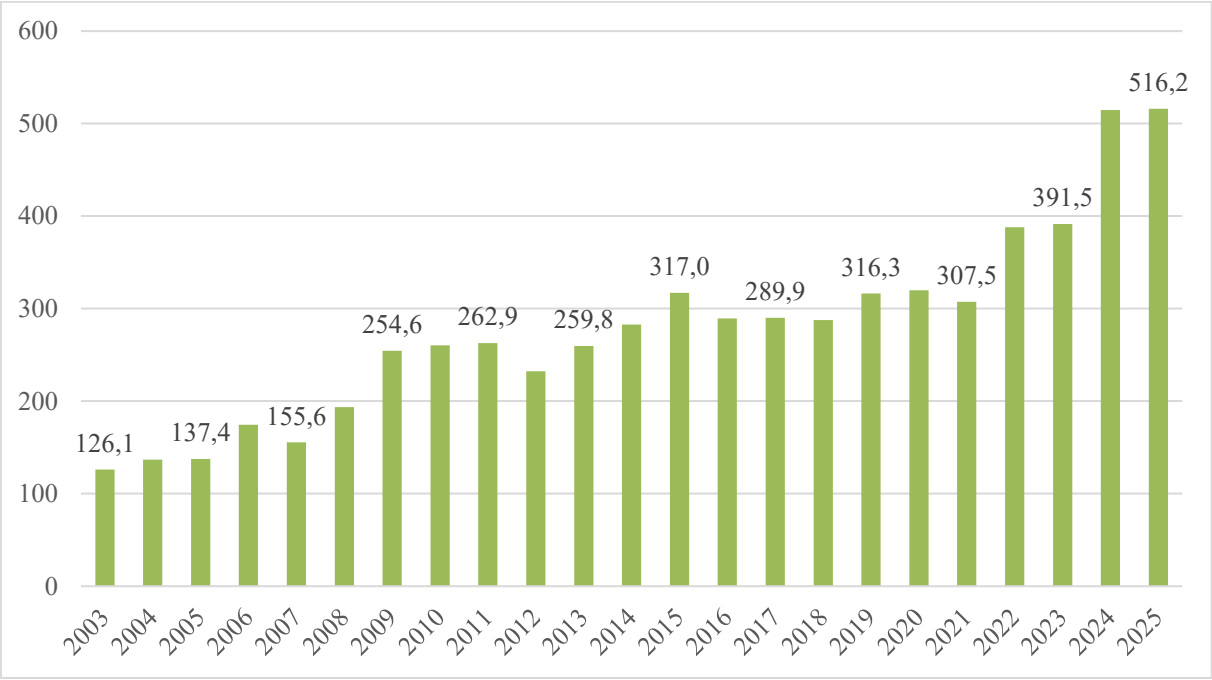
Fonte: CONAB, 2024.

Outra questão relevante é o volume de apoio governamental ao setor, traduzida por meio do Plano Safra, que foi implementado a partir do ano de 2003 (Brasil, 2003). Seu papel é oferecer crédito para financiar os custos de produção e investimentos em infraestrutura para os produtores rurais. A partir do gráfico 12 é possível observar a distribuição do crédito



disponibilizado. No entanto, a trajetória não é linear, havendo oscilações reveladas pela desinflação dos valores.

Figura 12 – Histórico de valores disponibilizados para o Plano Safra pelo Governo Federal Brasileiro (2003-2025) | Em bilhões de reais<sup>7</sup>



Fonte: Brasil, 2025.

Do ponto de vista global, também é possível observar o posicionamento do Brasil como uma potência do agronegócio mundial, resultado da união entre o setor público e privado do país para impulsionar a produção. O país se posicionou como o maior exportador de soja e algodão em 2024, e ocupou a segunda posição no *ranking* de envios de milho no mesmo ano, como observado na tabela abaixo:

Figura 13 – Participação da produção brasileira agrícola no mercado internacional

Produto	Produção		Exportação	
	Participação Global nos últimos 3 anos (2022-2024)	Ranking em 2024	Participação Global nos últimos 3 anos (2022-2024)	Ranking em 2024
Soja	40,6%	1º	57,4%	1º
Milho	10,7%	3º	24,1%	2º
Algodão	12,4%	3º	25,8%	1º

Fonte: USDA, 2024.

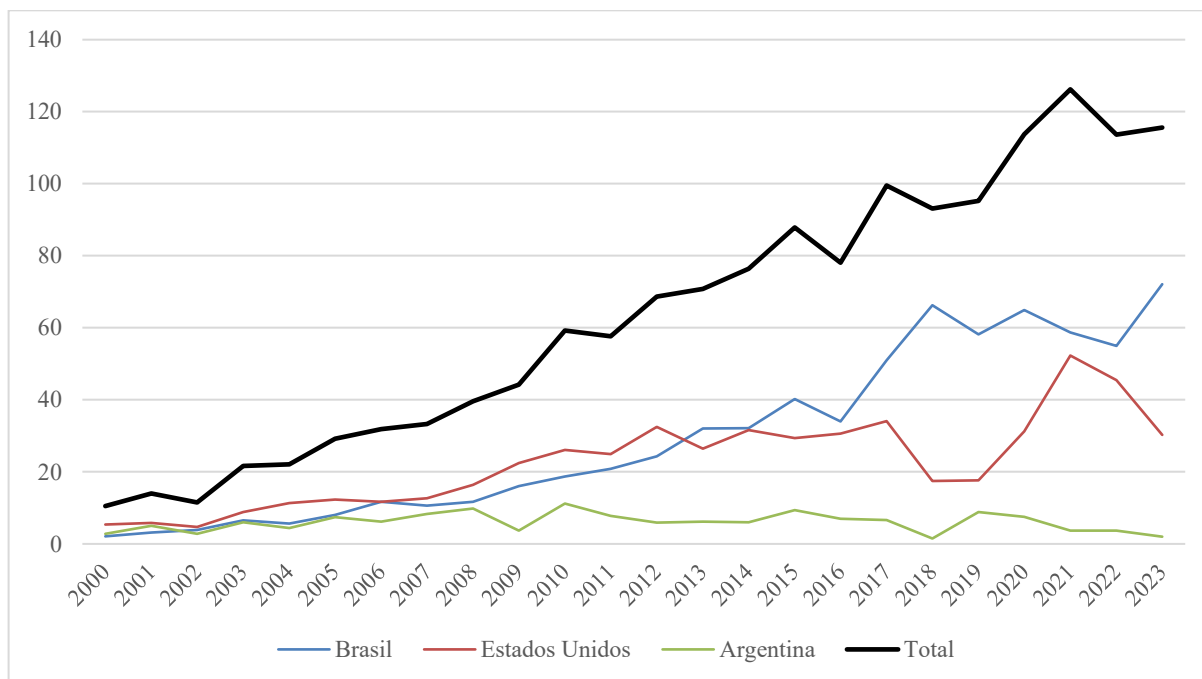
<sup>7</sup> Valores desinflacionados segundo IPCA de junho/2025 (IBGE, 2025).

Este cenário de fortalecimento agrícola brasileiro pavimentou o caminho para uma relação cada vez mais intensa com a China no setor agrícola. As interações entre as cadeias produtivas dos dois países manifestaram-se na crescente dependência das indústrias chinesas em relação à oferta brasileira de produtos agrícolas. E essa relação foi fomentada pelos seguintes fatores, que já foram citados anteriormente: a bilionária demanda chinesa por alimentos; e a capacidade brasileira de ampliar sua produção e produtividade.

Além disso, a aproximação entre os países também se deu devido ao rápido crescimento chinês de importações de insumos agrícolas como uma mudança política comercial do país. Entretanto, essa transformação que seguia um crescimento uniforme, mudou drasticamente em 2008, após a crise do *sub-prime*. O país asiático, que até o momento tinha os EUA como principal fornecedor de grãos, passou a procurar fontes de importação no Sul Global, que sofreram menores instabilidades durante a crise, por se tratar da produção de *commodities* sem processamento complexo.

Como observado no gráfico 14, o Brasil passou a ocupar uma grande parte dos embarques de produtos agrícolas para China, superando até mesmo os EUA. Quando analisadas a participação dos países nas importações da China, o Brasil representou, em 2023, 72 milhões de toneladas de produtos agrícolas importados dos 115 milhões compradas pelo país asiático (ONU, 2025).

Figura 14 – Históricos de importações chinesas de produtos agrícolas<sup>8</sup> (2000-2023) | Em milhões de toneladas



Fonte: Organização das Nações Unidas (ONU) (2025).

Dessa forma, a partir da análise das relações comerciais agrícolas entre Brasil e China, propõe-se a compreensão da dinâmica de funcionamento do mercado de grãos no Brasil. Essa que já possui a presença consolidada e relevante das empresas ABCD. Como explicitado nas seções anteriores, para entrar nesse mercado já estabelecido, a China se utilizou da política *Going out*. Dessa forma, o objetivo do país quando adentrou no Brasil foi de diminuir sua dependência das *tradings* e estabelecer uma infraestrutura (por meio da absorção da estrutura já existente) para viabilizar o fluxo contínuo de grãos e sem interferência de empresas terceiras para o país (Wesz Jr.; Escher; Fares, 2023).

Para isso, a COFCO entrou no país de forma estratégica e ordenada, marcada por aquisições de empresas já estabelecidas e - como citado anteriormente -, pelo aproveitamento de estruturas logísticas e de origem consolidadas. Baseando-se na hipótese estipulada, esse movimento reflete não apenas os interesses econômicos chineses, mas sua busca por segurança alimentar e redução da dependência de grandes *tradings* por meio da replicação do modelo ocidental de comércio aplicado pelas ABCD.

Isso posto, o processo de consolidação da COFCO no Brasil teve início com um fato já citado ao longo do trabalho, a aquisição da Nidera Brasil em 2014, seguida pela compra da

<sup>8</sup> Considerou-se como produtos agrícolas soja em grãos, milho em grãos e pluma de algodão.

Noble Agri em 2016. Os ativos estratégicos que estas companhias possuíam no país envolviam: para Nidera, operação madura de originação, processamento, comércio, estocagem e embarque de *commodities* agrícolas e produtos de bioenergia, além de canais de distribuição de fertilizantes, sementes e defensivos agrícolas. A Noble possuía quatro usinas de processamento de cana-de-açúcar no Estado de São Paulo, com capacidade anual de esmagamento de 17 milhões de toneladas. Sendo assim, após a transação, a COFCO obteve 15 milhões de toneladas de capacidade de armazenamento, 84 milhões de toneladas de capacidade de processamento e 44 milhões de toneladas de capacidade de embarque de *commodities* agrícolas (Batista, 2014).

Segundo Peine (2020), essas aquisições permitiram à COFCO acessar uma infraestrutura logística já consolidada e uma base de originação de grãos, reduzindo sua dependência das *tradings* ocidentais (que se destaca como um dos maiores objetivos) e inserindo-se diretamente no fluxo de exportação brasileiro. A estratégia chinesa, conforme destaca a autora, priorizou o controle sobre a cadeia de suprimentos e a segurança alimentar, mesmo que isso não maximizasse lucros imediatos.

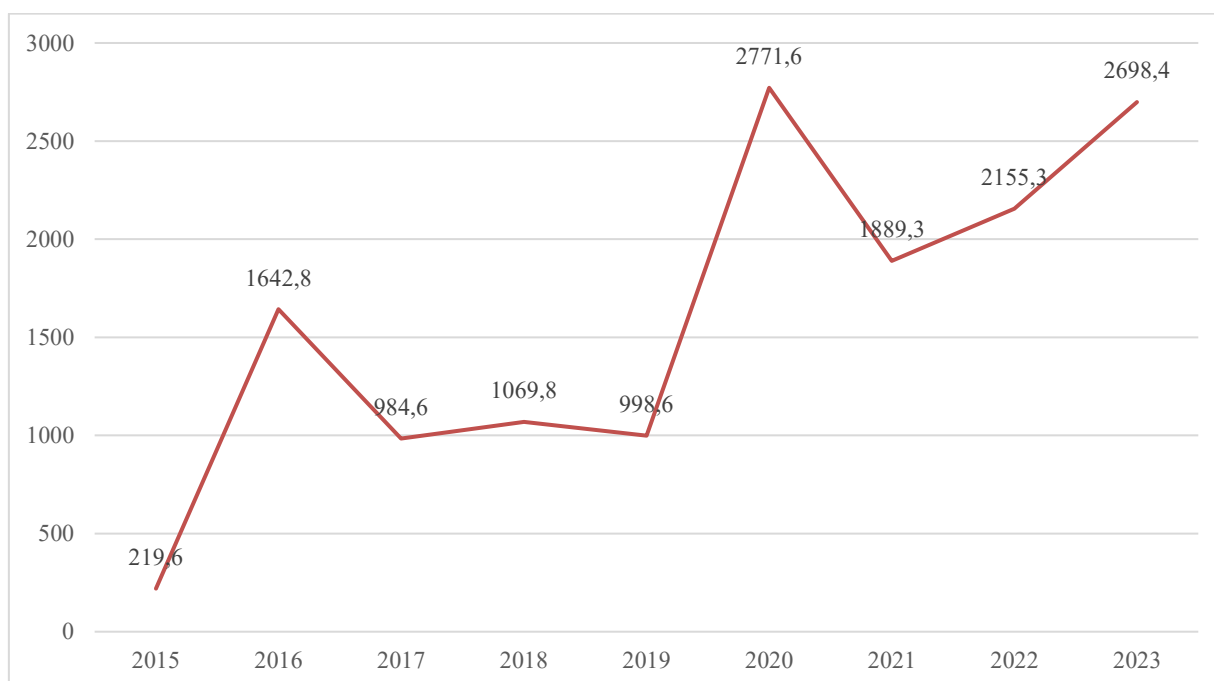
Para competir com o grupo ABCD, a COFCO direcionou investimentos para ativos logísticos e plantas de processamento de grãos, além dos já adquiridos com a fusão e aquisição da Nidera e Noble. Como exemplo, em 2017, a companhia, que já tinha posse de uma fábrica de esmagamento de soja e produção de biodiesel na cidade de Rondonópolis no Mato Grosso, unido aos treze silos de armazenamento, anunciou a expansão de sua capacidade de armazenagem no estado (Teodoro, 2017).

Além disso, seu maior foco desde 2020 se voltou para a logística do país, e para isso lançou seu maior investimento: o Terminal Export Cofco (TEC) no porto de Santos, um investimento de R\$ 1,7 bilhão, com capacidade dinâmica anual de 14 milhões de toneladas de grãos. Concedido em licitação em 2022, e sendo finalizado em 2025, esse investimento se tornou o maior terminal portuário da COFCO fora da China (Dantas, 2025). Não apenas isso, como a empresa também investiu R\$ 1,2 bilhão na compra de 979 vagões e 23 locomotivas para transportar os grãos para o novo terminal (Bouças, 2025).

Esses investimentos visavam à redução de custos de transporte e a garantia de maior controle sobre o fluxo de grãos, consolidando a posição da COFCO como alternativa às *tradings* tradicionais (Peine, 2020). Além dessa replicação do modelo das *tradings* já estabelecidas, a COFCO passou a estabelecer relações diretas com produtores rurais, oferecendo financiamento por meio de bancos chineses (como o Eximbank) e contratos de compra antecipada. Em 2019, firmou parceria com a Cooperativa Comigo (GO), uma das maiores do Cerrado, para aquisição direta de soja.

Sendo assim, a entrada da COFCO no Brasil representou um marco significativo na evolução do complexo agroindustrial nacional. Como demonstrado, esse movimento foi catalisado pela ascensão do Brasil como potência agrícola global – evidenciada pelos índices de produção, produtividade e participação no mercado internacional – e pela demanda estratégica chinesa por segurança alimentar e redução de dependência das tradicionais *tradings* ocidentais (ABCD).

Figura 15 – Histórico do lucro bruto da COFCO Brasil (2015-2023) | Em milhões de reais<sup>9</sup>

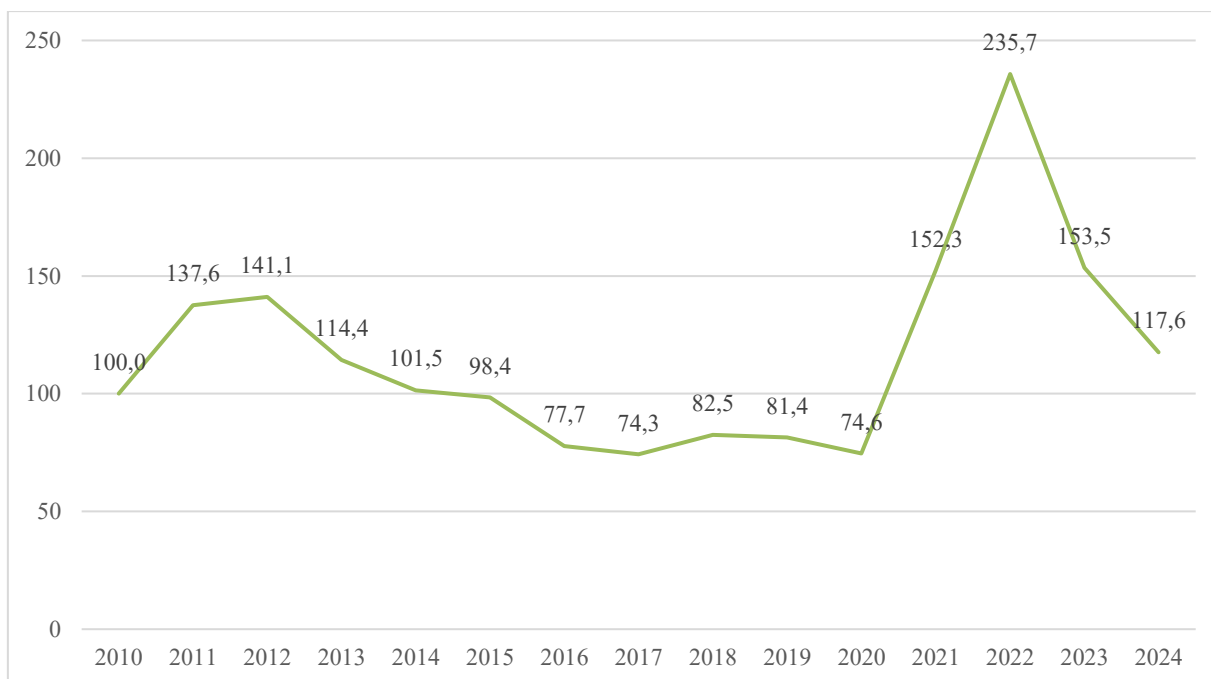


Fonte: Caetano (2016); Diário oficial do Estado de São Paulo (2018, 2020, 2021); Data Mercantil (2022, 2024).

Como observado no gráfico 15, nos primeiros anos da série histórica (2015-2017), a empresa registrou desempenho relativamente modesto, com lucros variando entre R\$ 219,6 milhões em 2015 e R\$ 984,6 milhões em 2017. Esse período inicial refletiu uma fase de consolidação das operações no Brasil. Contudo, a partir de 2018, inicia-se uma etapa de expansão acelerada, com o lucro bruto ultrapassando a marca de R\$ 1 bilhão e atingindo seu ápice em 2020, com R\$ 2,8 bilhões.

<sup>9</sup> Valores desinflacionados segundo IPCA de Junho/2025 (IBGE, 2025).

Figura 16 – Índice de preços de fertilizantes (2010-2024) | 2010: Base 100



Fonte: World Bank, 2025.

Entretanto, em 2021 ocorre uma retração significativa, com o lucro caindo para R\$ 1,8 bilhão. Essa queda está associada ao aumento dos custos de produção, mais especificamente de fertilizantes, como observado no gráfico 16, o produto obteve um aumento de 104% em seus preços. Nos anos seguintes (2022-2023), há uma recuperação gradual, com o lucro voltando a superar a marca de R\$ 2 bilhões e atingindo R\$ 2,7 bilhões em 2023, demonstrando a resiliência da empresa diante das flutuações do mercado. Então, a partir da análise dos lucros brutos da empresa no Brasil, observa-se um crescimento de 1129% entre 2015 e 2023.

Logo, após constatar as estratégias empregadas pela empresa, como investimentos na agroindústria de esmagamento de grãos, estruturas de armazenamento, estruturas de transporte e a concessão de empréstimos por meio de bancos parceiros do governo chinês. A conclusão que é possível alcançar, é que a COFCO está replicando a estratégia apontada durante a seção que analisou as *tradings* do ABCD, mais especificamente a estratégia de integração vertical da cadeia de valor de grãos, assim como o envolvimento com investimentos financeiros por meio da ação de bancos como Eximbank.

Ademais, pode-se concluir que a companhia conseguiu ter uma entrada bem-sucedida no mercado agrícola brasileiro, e isso decorreu de seus resultados econômicos e investimentos volumosos no país, permitindo ao governo chinês acesso direto aos grãos brasileiros, que anteriormente necessitavam de uma empresa mediadora estrangeira para realizar a transação. Dessa forma, pode argumentar que a hipótese assumida nesta monografia parece correta. Sua

consolidação não é apenas a história da chegada de um novo *player* global, mas um reflexo da reconfiguração geopolítica do comércio agrícola, associada à busca chinesa por controle da cadeia de suprimentos, que encontrou terreno fértil na pujança e na infraestrutura em desenvolvimento do agronegócio brasileiro.

Esta inserção é até aqui bem-sucedida, contudo, não é o ponto final, mas o gatilho para uma nova fase repleta de interrogações e transformações. A próxima seção adentrará nos Impactos e Desafios gerados por esse processo. Ademais, a discussão desenvolvida como a presença da COFCO alterou a dinâmica de concorrência das *tradings*, impactando preços, condições de comercialização e poder de barganha com produtores. Além da sua influência para a infraestrutura logística nacional, com investimentos no porto de Santos, e quais os efeitos sobre custos, eficiência e pressão sobre regiões de fronteira. Por fim, também serão observados os desafios e oportunidades para os produtores rurais, diante das novas opções de financiamento e comercialização direta, mas também de potenciais assimetrias de poder. E como essa mudança de dinâmica de mercado afetou as relações econômicas e geopolíticas entre Brasil e China no setor, com implicações para a autonomia nacional e a inserção do país nas cadeias globais.

### 4.3 Impactos e Desafios

A partir da análise desenvolvida nas seções anteriores, deve-se colocar que a integração dos negócios adquiridos pela COFCO no Brasil não ocorreu sem desafios. A empresa enfrentou dificuldades operacionais e culturais, como barreiras linguísticas e diferenças organizacionais de empresas, além de má infraestrutura nacional de escoamento de grãos e falta de armazenamento. Além disso, as dificuldades se acumulam especialmente na adaptação aos contratos de parcerias público-privadas, historicamente dominados pelas chamadas ABCD. Também se acumulam resistências locais de produtores para venda de grãos para uma nova empresa estrangeira (Peine, 2020).

Por fim, similarmente se colocam como desafios barreiras institucionais como o domínio do regime de *tradings* privadas do agronegócio, fortemente controlado pelas ABCD, que se manifesta no estabelecimento de relações de poder baseadas em contratos futuros com produtores, provendo financiamento de produção e insumos (sistema de *barter*) que amarram grande parte da safra aos *players* já estabelecidos antes mesmo que as sementes estejam no chão, e o controle de armazéns privados onde os produtores, que não possuem armazenamento próprio, precisam pagar taxas. Ademais, também se destaca como impasse a notória complexidade do ambiente regulatório brasileiro e a extrema burocracia governamental, que

retarda a atração de recursos internacionais e a concretização de projetos de infraestrutura (Peine, 2020).

Esses foram os principais obstáculos para entrada da COFCO no mercado nacional. Por isso, a empresa optou por ingressar no setor por meio de investimentos *brownfield*, ou seja, por intermédio da aquisição de infraestruturas já estabelecidas — neste caso, com a Noble e a Nidera (Wesz Jr.; Escher; Fares, 2023). Após a consolidação do processo de aquisição até 2017, a COFCO buscou fortalecer sua capacidade de originação, estabelecendo laços mais estreitos com os produtores rurais e assim ultrapassando as barreiras postas inicialmente. Isso incluiu a oferta de fertilizantes, sementes e agroquímicos por meio de *barter* (de sua própria marca ou originados na China), bem como financiamento e assistência técnica, em troca de acesso direto aos produtos agrícolas (Wesz Jr.; Escher; Fares, 2023). Contudo, como aponta Peine (2020), ainda persiste um ceticismo significativo entre os agricultores quanto à capacidade da COFCO de substituir as ABCD, como citado anteriormente, possui grande controle dos contratos e financiamentos rurais e da cadeia de insumos no país.

Ainda assim, a promessa de preços mais altos — entre 15% e 20% acima do mercado em alguns contratos — atraiu produtores médios e grandes, especialmente no estado do Mato Grosso. Essa postura, considerada agressiva por seus concorrentes, pressionou as margens de lucro das empresas estabelecidas antes da entrada da COFCO. Como resultado, a empresa chinesa consolidou-se como a quinta maior *trading* de grãos no Brasil em 2020 (Wesz Jr.; Escher; Fares, 2023). No entanto, enquanto EE, a COFCO não tem como único objetivo a maximização dos lucros, mas também a garantia do abastecimento interno da China, o que lhe confere uma lógica de atuação distinta das demais *tradings* privadas.

Outro desafio relevante na relação Brasil-China está ligado às exigências de sustentabilidade ambiental. A crescente demanda chinesa por grãos brasileiros exige expansão da área plantada, o que tem contribuído para o aumento do desmatamento em biomas como a Amazônia, o Cerrado e o Pantanal. Ao mesmo tempo, a China busca projetar uma imagem internacional de defensora do meio ambiente (Gallagher & Porzecanski, 2009). Esse paradoxo levou a atritos diplomáticos, especialmente durante o governo de Jair Bolsonaro (2019–2022), quando autoridades chinesas cobraram explicações sobre os índices crescentes de desmatamento e passaram a condicionar a concessão de crédito por bancos chineses ao cumprimento de critérios de sustentabilidade (Wesz Jr.; Escher; Fares, 2023).

Além disso, há uma expectativa por parte do governo chinês de que os investimentos provenientes da compra de *commodities* contribuam para a diversificação das economias latino-americanas, fortalecendo parceiros estratégicos no Sul Global (Gallagher & Porzecanski, 2009).



No entanto, o que se observa é um movimento inverso: o Brasil tem aprofundado sua dependência do setor extrativista, voltado à exportação de *commodities* (Wesz Jr.; Escher; Fares, 2023).

Dessa forma, a entrada da COFCO no Brasil gerou efeitos significativos no mercado de *commodities* agrícolas, desafiando o domínio das tradicionais *tradings* ocidentais e promovendo novas dinâmicas nas relações com os produtores locais. Apesar dos avanços comerciais, a atuação da empresa evidencia os limites e tensões da parceria Brasil-China, especialmente no que se refere à sustentabilidade ambiental e à dependência econômica baseada na exportação de produtos primários. Dessa forma, a presença da COFCO não apenas transforma o panorama do agronegócio nacional, mas também aprofunda dilemas estruturais da inserção brasileira na economia global.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar, a partir de um estudo de caso sobre a atuação da COFCO no Brasil, como a China utiliza suas EEs como instrumentos estratégicos para ampliar sua influência e controle sobre o mercado global de commodities agrícolas. A trajetória da COFCO, refletindo a política econômica chinesa de integração entre interesses estatais e lógicas de mercado, demonstra a crescente importância das corporações estatais na configuração da nova ordem econômica internacional, especialmente no setor agroalimentar.

Dessa forma, a partir da coleta de resultados da pesquisa realizada, retoma-se a hipótese proposta para o presente trabalho: a de que a estratégia política aplicada pela China em grande parte utiliza-se de suas EEs. No caso analisado da COFCO no Brasil, observa-se sua utilização como instrumento para ampliar a influência chinesa e controle sobre o mercado global de grãos. Em específico, a atuação da empresa escolhida para pesquisa reflete uma estratégia deliberada de replicar o modelo de grandes *trading companies* ocidentais, promovendo investimentos em infraestrutura logística, aquisição de empresas estrangeiras e expansão internacional. A entrada da COFCO no Brasil, um dos principais produtores de grãos do mundo, evidencia essa política voltada à segurança alimentar nacional e ao fortalecimento da posição chinesa nos fluxos globais de grãos, com apoio direto do governo chinês em termos institucionais, financeiros e diplomáticos.

Isso posto, a trajetória analisada da COFCO confirma seu papel como ferramenta estratégica do Estado chinês. Desde sua fundação, a empresa atuou de forma alinhada às diretrizes governamentais, com o objetivo de garantir a segurança alimentar do país, controlar preços internos e projetar o poder econômico da China no exterior. Esse hibridismo entre interesses de Estado e lógica de mercado é uma marca registrada da corporação, que se consolidou como agente central na política agroalimentar chinesa.

As evidências se acumulam quando se observa o *modus operandi* da companhia, que sempre operou sob forte influência do governo chinês, seja no período de planejamento central, quando detinha direitos exclusivos de importação e exportação, seja após a adesão da China à OMC, quando manteve papel proeminente na gestão do comércio de grãos, mesmo com a entrada de empresas privadas que operavam utilizando quotas. A análise também evidenciou que essa expansão estatal, além de repercutir na reconfiguração das relações comerciais globais, levanta importantes desafios para a concorrência local e as dinâmicas sociais do agronegócio brasileiro.

Além disso, a internacionalização da COFCO se intensificou nos anos 2000, com foco em integração vertical e aquisições. Sendo assim, o fato de que as compras da Nidera e da Noble

Agri, que garantiram à COFCO acesso imediato aos ativos logísticos estratégicos no Brasil, comprova a replicação do modelo das *tradings* ocidentais (ABCD) citado na seção 3.2, absorvendo infraestrutura já consolidada e estabelecendo relações diretas com produtores locais, inclusive com oferta de financiamento por bancos chineses e contratos de compra antecipada.

Entretanto, apesar do sucesso na consolidação de sua presença no Brasil, a COFCO ainda enfrenta desafios relevantes, devido às suas características de hibridismo público-privado, Como a adaptação ao mercado local, onde a integração com o ambiente regulatório, social e produtivo brasileiro exige adaptações constantes, sobretudo no relacionamento com produtores e na compreensão das dinâmicas regionais do agronegócio nacional; E a própria concorrência com as *tradings* já consolidadas, visto que as ABCD ainda detêm grande parte do mercado, exigindo da COFCO estratégias competitivas robustas para ganhar espaço, seja por meio de preços, condições de comercialização ou investimentos logísticos. Entretanto, entende-se que a presença da empresa estatal chinesa alterou os padrões de comercialização e financiamento rural, oferecendo novas oportunidades, mas também gerando tensões e assimetrias em relação aos atores tradicionais do setor.

Portanto, conclui-se que a COFCO é, de fato, um instrumento da estratégia chinesa para o controle e influência sobre o mercado global de grãos, especialmente a partir de sua atuação no Brasil. A empresa opera com apoio direto do Estado, replicando modelos ocidentais de integração vertical e investindo pesadamente em infraestrutura e relações locais. No entanto, sua trajetória também é marcada por desafios de adaptação e concorrência que as *tradings* ocidentais já superaram (ou não enfrentam, devido à sua natureza privada), que limitam, mas não anulam, sua capacidade de consolidar a presença chinesa no agronegócio global.

Para pesquisas futuras, sugere-se investigações para ampliar o escopo deste estudo ao realizar análises comparativas entre a COFCO e as grandes *tradings* ocidentais do grupo ABCD em outros mercados além do Brasil. Essa comparação permitiria identificar semelhanças e diferenças nos processos de internacionalização, formas de governança e estratégias comerciais, além de revelar os desafios específicos que essas empresas enfrentam em diferentes contextos regulatórios, econômicos e sociais. Tal abordagem pode contribuir para uma compreensão mais ampla das dinâmicas globais do comércio de commodities e da crescente influência chinesa em diversos mercados.

Outro campo importante para aprofundamento são as relações financeiras estabelecidas entre a COFCO, instituições bancárias chinesas e agricultores brasileiros, especialmente quanto às modalidades de crédito rural, estrutura de custos da produção agrícola e o impacto sobre o

poder de negociação dos produtores. Compreender as transformações destes sistemas financeiros e suas implicações econômicas é fundamental para avaliar o papel da COFCO como agente de mudança no financiamento do agronegócio nacional.

Além disso, dada a volatilidade do cenário internacional, é recomendável acompanhar as mudanças na política externa chinesa e nas relações diplomáticas sino-brasileiras, sobretudo diante de tensões comerciais que se apresentam diante das reorganizações de blocos econômicos. Esse acompanhamento permitirá compreender como esses fatores externos podem influenciar a atuação da COFCO e o mercado global de grãos no médio e longo prazo.

Em suma, este trabalho contribui para a compreensão das estratégias chinesas no mercado global de *commodities* e evidencia a importância das EEs como agentes centrais na reestruturação dos fluxos agroalimentares mundiais, com consequências diretas para atores e regiões que compõem esse sistema globalizado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, Franklin; CAI, Junhui; GU, Xian; QIAN, Jun, Qian; ZHAO, Linda; ZHU, Wu. Centralization or Decentralization? The Evolution of State-Ownership in China. **Social Science Research Network Working Paper**, SSRN ID 4283197, 72 p., 2024. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=4283197>. Acesso em: 26 jul. 2025.

Archers Daniels Midland (ADM). **Our Company** – History. 2025. Disponível em: <https://www.adm.com/en-us/about-adm/our-company/history/#founders-story>. Acesso em: 15 jun. 2025.

BATISTA, Fabiana. Cofco passa a controlar Nidera e Noble Agri. **Valor Econômico**, São Paulo, 29 out. 2014. Disponível em: <https://valor.globo.com/agronegocios/noticia/2014/10/29/cofco-passa-a-controlar-nidera-e-noble-agri.ghtml>. Acesso em: 6 ago. 2025.

BELESKY, Paul; LAWRENCE, Geoffrey. Chinese state capitalism and neomercantilism in the contemporary food regime: contradictions, continuity and change. **The Journal of Peasant Studies**, v. 46, n. 6, p. 1119-1141, 2019.

BICKENBACH, Frank; DOHSE, Dirk; LANGHAMMER, Rolf J.; LIU, Wan-Hsin. EU Concerns About Chinese Subsidies: What the Evidence Suggests. **Intereconomics**, [S. l.], v. 59, n. 4, p. 230-237, 2024. Disponível em: <https://www.intereconomics.eu/contents/year/2024/number/4/article/eu-concerns-about-chinese-subsidies-what-the-evidence-suggests.html>. Acesso em: 20 jul. 2025.

BOUÇAS, Cibelle. COFCO investe R\$ 1,2 bilhão em transporte ferroviário para o agro. **Globo Rural**, 27 jan. 2025. Disponível em: <https://globorural.globo.com/infraestrutura-e-logistica/noticia/2025/01/cofco-investe-r-12-bilhao-em-transporte-ferroviario-para-o-agro.ghtml>. Acesso em: 7 ago. 2025.

BRASIL. **Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA)**. *Plano Agrícola e Pecuário 2025*. Brasília, DF: MAPA, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/politica-agricola/todas-publicacoes-de-politica-agricola/plano-agricola-pecuario>. Acesso em: 08 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Plano Agrícola e Pecuário 2003-2004**. Brasília, DF: MAPA, 2003. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/politica-agricola/todas-publicacoes-de-politica-agricola/plano-agricola-pecuario/plano-agricola-e-pecuario-2003-2004.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2025.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. Trading brasileiras. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/invest-export-brasil/exportar/encontre-compradores/trading-brasileiras>. Acesso em: 10 jun. 2025.

BUNGE. Nossa História. 2025. Disponível em: <https://www.bunge.com.br/en/Somos-Bunge/Nossa-Historia>. Acesso em: 15 jun. 2025.

BURSCHE, J.; LAWRENCE, G. Towards a third food regime: Behind the transformation. 2009. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/weaa/wp-content/uploads/2013/09/2009-Bursch-and-Lawrence-Towards-a-third-food-regime.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2025.

CAETANO, Mariana. Nidera registrou lucro de quase R\$ 100 milhões em 2015 no país. **Valor Econômico**, 14 abr. 2016. Disponível em: <https://valor.globo.com/google/amp/agronegocios/noticia/2016/04/14/nidera-registrou-lucro-de-quase-r-100-milhoes-em-2015-no-pais.ghml>. Acesso em: 03 ago. 2025.

CARGILL. 2024a Annual Report. 2024. Disponível em: <https://www.cargill.com/doc/1432263180474/2024-annual-report.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2025.

CARGILL. Cargill history timeline. 2024b. Disponível em: <https://www.cargill.com/about/cargill-history-timeline>. Acesso em: 15 jun. 2025.

CEPEA. **Mercado de trabalho Cepea em 2023**: número de pessoas trabalhando no agronegócio é recorde. Cepea, Piracicaba, 4 jan. 2024. Disponível em: <https://www.cepea.org.br/br/releases/mercado-de-trabalho-cepea-em-2023-numero-de-pessoas-trabalhando-no-agronegocio-e-recorde.aspx>. Acesso em: 3 jun. 2025.

CFTC (Commodity Futures Trading Commission). *Commitments of Traders Report: Futures Only Reports*, 2025. Disponível em: <https://www.cftc.gov/MarketReports/CommitmentsofTraders/HistoricalCompressed/index.htm>. Acesso em: 14 jul. 2025.

CHANG-SHENG, Shu. Do Grande Salto para Frente à Grande Fome: China de 1958-1962. **Diálogos**, Maringá, v. 8, n. 1, p. 107-129, 2004.

CHINA. *12th Five-Year Plan (2011-2015) for National Economic and Social Development*. Beijing: **China's National People's Congress**, 2011. Disponível em: <https://policy.asiapacificenergy.org/node/37>. Acesso em: 28 abr. 2025

XINHUA. Comitê Central do Partido Comunista Chinês; **CONSELHO DE ESTADO**. Opiniões do Comitê Central do PCC e do Conselho de Estado sobre o aprofundamento da reforma rural e a promoção sólida da revitalização abrangente das áreas rurais. Pequim: Agência de Notícias Xinhua, 2025.

CHRISTIANSEN, Flemming. Segurança alimentar, urbanização e estabilidade social na China. In: **Agricultura, alimentação e desenvolvimento rural na China**: transformações e perspectivas. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2023. p. 155-192. E-book. Acesso em: 15 jun. 2025.

CLAPP, Jennifer. ABCD and beyond: From grain merchants to agricultural value chain managers. *Canadian Food Studies / La Revue canadienne des études sur l'alimentation*, v. 2, n. 2, p. 126–135, set. 2015. DOI: 10.15353/cfs-rcea.v2i2.84. Disponível em: <https://canadianfoodstudies.uwaterloo.ca/index.php/cfs/article/view/84/105>. Acesso em: 10 jun. 2025.

COFCO. **History and Honor**. COFCO, 2024. Disponível em: <https://www.cofco.com/en/AboutCOFCO/HistoryandHonor/>. Acesso em: 18 mai. 2025.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO (CONAB). **Safras**. Brasília, DF, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/conab/pt-br/atuacao/informacoes-agropecuarias/safras>. Acesso em: 22 mai. 2025.

DANTAS, Thiago. COFCO terá no Brasil maior terminal de grãos fora da China. **Canal Rural**, 24 mar. 2025. Disponível em: <https://www.canalrural.com.br/economia/logistica/cofco-tera-no-brasil-maior-terminal-de-graneis-fora-da-china>. Acesso em: 7 ago. 2025.

DATA MERCANTIL. **Boletim Empresarial**, 5 jun. 2024. Disponível em: <https://datamercantil.com.br/wp-content/uploads/2024/06/Data-Mercantil-05.06.24-IMPRESSO.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2025.

DATA MERCANTIL. Certificado de registro. **Data Mercantil**, 14 jul. 2022. Disponível em: <https://datamercantil.com.br/wp-content/uploads/2022/07/14-07-2022-certificado.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2025.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Imprensa Oficial**, Caderno Empresarial, p. 16, 7 set. 2018. Disponível em: [https://www.imprensaoficial.com.br/Certificacao/Certificador.aspx?link=%2f2018%2fempresarial%2fsetembro%2f07%2fpag\\_0016\\_c0f20c31a4d97c0682c79edeb4ff83c0.pdf&pagina=16&data=07/09/2018&caderno=Empresarial](https://www.imprensaoficial.com.br/Certificacao/Certificador.aspx?link=%2f2018%2fempresarial%2fsetembro%2f07%2fpag_0016_c0f20c31a4d97c0682c79edeb4ff83c0.pdf&pagina=16&data=07/09/2018&caderno=Empresarial). Acesso em: 03 ago. 2025.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Imprensa Oficial**, Caderno Empresarial, p. 35, 24 jul. 2020. Disponível em: [https://diariooficial.imprensaoficial.com.br/doflash/prototipo/2020/Julho/24/empresarial/pdf/pg\\_0035.pdf](https://diariooficial.imprensaoficial.com.br/doflash/prototipo/2020/Julho/24/empresarial/pdf/pg_0035.pdf). Acesso em: 03 ago. 2025.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Imprensa Oficial**, Caderno Empresarial, p. 23, 25 jun. 2021. Disponível em: [https://www.imprensaoficial.com.br/Certificacao/Certificador.aspx?link=%2f2021%2fempresarial%2fjunho%2f25%2fpag\\_0023\\_2d4c532c19421b532b0fc41f76c77108.pdf&pagina=23&data=25/06/2021&caderno=Empresarial](https://www.imprensaoficial.com.br/Certificacao/Certificador.aspx?link=%2f2021%2fempresarial%2fjunho%2f25%2fpag_0023_2d4c532c19421b532b0fc41f76c77108.pdf&pagina=23&data=25/06/2021&caderno=Empresarial). Acesso em: 03 ago. 2025.

ESCHER, F.; WILKINSON, J. A economia política do complexo Soja-Carne Brasil-China. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 57, n. 4, p. 656–678, out. 2019.

GALLAGHER, Kevin; PORZECANSKI, Roberto. China and the Latin America commodities boom: a critical assessment. Amherst: Political Economy Research Institute, University of Massachusetts at Amherst, 2009. (Working Papers, n. 192).

GAUDREAU, M. **Constructing China's National Food Security**: Power, Grain Seed Markets, and the Global Political Economy. 2019. Tese (Doutorado em Global Governance) - University of Waterloo, Waterloo, Ontario, Canadá, 2019.

GIOIA, Antonio; ONDEI, Vera. Veja a lista Forbes: As 100 maiores empresas do agro. **Forbes Agro**, 24 jan. 2022. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbesagro/2022/01/veja-a-lista-forbes-as-100-maiores-empresas-do-agro/>. Acesso em: 22 jul. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Inflação**. 2025. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/inflacao.php>. Acesso em: 6 ago. 2025.

KONG, Qingjiang. Emerging Rules in International Investment Instruments and China's Reform of State-owned Enterprises. **The Chinese Journal of Global Governance**, [S. l.], v. 3, p. 57-82, 2017. DOI: 10.1163/23525207-12340024.

- LOUIS DREYFUS COMPANY. Heritage. 2025. Disponível em: <https://www ldc.com/br/en/who-we-are/heritage/>. Acesso em: 15 jun. 2025.
- MC CORRISTON, S.; MAC LAREN, D. The Trade and Welfare Effects of State Trading in China with Reference to COFCO. **The World Economy**, 2010, p. 615-632.
- MCMICHAEL, P. Global Development and the Corporate Food Regime. 2005. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/242023885\\_Global\\_Development\\_and\\_The\\_Corporate\\_Food\\_Regime](https://www.researchgate.net/publication/242023885_Global_Development_and_The_Corporate_Food_Regime). Acesso em: 10 jun. 2025.
- MCNALLY, Christopher A. Sino-Capitalism: China's Reemergence and the International Political Economy. **World Politics**, v. 64, n. 04, p. 741-776, out. 2012.
- MEDEIROS, Carlos Aguiar de. Economia e política do desenvolvimento recente na China. **Revista de Economia Política**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3 (75), p. 496-516, jul.-set. 1999.
- MENDES, Cristiano; GONÇALVES, Jéssica Rúbia. **Segurança e Soberania Alimentar: o caso brasileiro (1994-2015)**. *Caderno CrH*, Salvador, v. 36, p. 1-18, e023009, 2023
- MURPHY, Sophia; BURCH, David; CLAPP, Jennifer. **Cereal Secrets: The world's largest grain traders and global agriculture**. Oxfam Research Reports. Publicado por Oxfam GB para Oxfam International, ago. 2012. Disponível em: [www.oxfam.org](http://www.oxfam.org). Acesso em: 01 jun. 2025.
- NONNENBERG, M. J. B.. China: estabilidade e crescimento econômico. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 30, n. 2, p. 201-218, abr. 2010.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Divisão Estatística das Nações Unidas. **UN Comtrade**. [S. l.], 2025. Disponível em: <https://comtradeplus.un.org/>. Acesso em: 2 jun. 2025.
- PAULA, Nilson Maciel de; SANTOS, Valéria Faria; PEREIRA, Wellington Silva. A financeirização das commodities agrícolas e o sistema agroalimentar. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 23, n. 2, p. 294-314, out. 2015. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E-ISSN: 2526-7752. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/519>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- PEINE, Emelie K. Chinese investment in the Brazilian soybean sector: Navigating relations of private governance. **Journal of Agrarian Change**, 2020. p. 1-19.
- SCHNEIDER, M. Dragon Head Enterprises and the State of Agribusiness in China. **Journal of Agrarian Change**, v. 17, p. 3-21, 2017.
- SHARMA, Shefali. Global Meat Complex: The China Series – The Need for Feed. China's Demand for Industrialized Meat and Its Impacts. **Minneapolis: Institute for Agriculture and Trade Policy (IATP)**, fev. 2014. Disponível em: [https://www.iatp.org/sites/default/files/2017-05/2017\\_05\\_03\\_FeedReport\\_f\\_web\\_0.pdf](https://www.iatp.org/sites/default/files/2017-05/2017_05_03_FeedReport_f_web_0.pdf). Acesso em: 25 jun. 2025.
- SUISHENG, Zhao. O modelo chinês: poderia ele substituir o modelo ocidental de modernização?. In: **Agricultura, alimentação e desenvolvimento rural na China**:



**transformações e perspectivas.** Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2023. p. 29-54. E-book. Acesso em: 15 jun. 2025.

TEODORO, Euziany. **Governo de Mato Grosso e maior empresa chinesa de alimentos ampliam parceria.** *Marcelandia*, 12 dez. 2017. Disponível em: <https://www.marcelandia.mt.gov.br/Noticias/Governo-de-mato-grosso-e-maior-empresa-chinesa-de-alimentos-ampliam-parceria-458>. Acesso em: 3 ago. 2025.

UNCTAD. **The 2008 financial crisis and the developing countries.** Geneva: United Nations, 2009. Disponível em: [https://unctad.org/system/files/official-document/osgdp20093\\_en.pdf](https://unctad.org/system/files/official-document/osgdp20093_en.pdf). Acesso em: 6 jul. 2025.

UNITED NATIONS. **UN Comtrade Plus:** the United Nations Commodity Trade Statistics Database. Disponível em: <https://comtradeplus.un.org/>. Acesso em: 25 jul. 2025.

UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE (USDA). Production, Supply and Distribution (PSD) Online. 2025. Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/app/index.html#/app/advQuery>. Acesso em: 10 jun. 2025.

VISENTINI, Paulo Fagundes. Defesa, diplomacia e desenvolvimento: os “3 D” da ascensão econômica e da projeção mundial da China. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 62, n. 2, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpi/a/B4ZrM9bZqcDF6F6N8-elSfWJ/?lang=pt>. Acesso em: 27 abr. 2025.

WESZ JR., Valdemar João; ESCHER, Fabiano; FARES, Tomaz Mefano. Why and how is China reordering the food regime? The Brazil-China soy-meat complex and COFCO’s global strategy in the Southern Cone. **The Journal of Peasant Studies**, v. 50, n. 4, p. 1376-1404, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/03066150.2021.1986012>.

WIATKOWSKI, Grzegorz Witold; GOŁĘBIEWSKA, Marlena; MROCZEK, Jakub. How much of the world economy is state-owned? Analysis based on the 2005–20 Fortune Global 500 lists. **Annals of Public and Cooperative Economics**, v. 94, n. 2, p. 659–677, junho 2023. DOI: 10.1111/apce.12389. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/apce.12389>. Acesso em: 26 jul. 2025.

WORLD BANK; DEVELOPMENT RESEARCH CENTER OF THE STATE COUNCIL, PEOPLE’S REPUBLIC OF CHINA. **Four Decades of Poverty Reduction in China:** Drivers, Insights for the World, and the Way Ahead. Washington, DC: World Bank, 2022. DOI: 10.1596/978-1-4648-1877-6. Acesso em: 17 maio 2024.

WORLD BANK. **GDP (current US\$) – China.** Data, 2023a. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD?locations=CN>. Acesso em 20 jul. 2025.

WORLD BANK. **GDP per capita (current US\$).** World Bank Open Data, [S. l.], 2023b. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.PCAP.CD>. Acesso em: 20 jul. 2025.

WORLD BANK. **Population**, total. 2023. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/SP.POP.TOTL>. Acesso em: 10 jun. 2025.

WORLD BANK. **Pink Sheet: Commodity Markets**. Washington, DC: World Bank, 2025. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/research/commodity-markets>. Acesso em: 05 ago. 2025.

WORLD FOOD SUMMIT. **Rome Declaration on World Food Security**. Rome, Nov. 1996, p. 13-17.

JINGZHONG, Ye. Land Transfer and the Pursuit of Agricultural Modernization in China. **Journal of Agrarian Change**, v. 15, n. 3, p. 314–337, jun. 2015. DOI: 10.1111/joac.12117

ZHANG, Chunlin. How Much Do State-Owned Enterprises Contribute to China's GDP and Employment? **Policy Research Working Paper** No. 32306, World Bank, Washington, DC, jul. 2019. Disponível em: <https://documents1.worldbank.org/curated/en/449701565248091726/pdf/How-Much-Do-State-Owned-Enterprises-Contribute-to-China-s-GDP-and-Employment.pdf>. Acesso em: 26 jul ago. 2025.